UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM

ELAINE CRISTINA MENDES MARQUES

O sentido da avaliação para o enfermeiro professor:
Uma análise compreensiva da ação social

SÃO PAULO

2012

ELAINE CRISTINA MENDES MARQUES

O sentido da avaliação para o enfermeiro professor:

Uma análise compreensiva da ação social

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gerenciamento em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de concentração: Fundamentos e Práticas de Gerenciamento em Enfermagem e em Saúde.

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima Prado Fernandes

SÃO PAULO

2012

AUTORIZO A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Assinatura: _____ Data: ____ / ____ / ____

Catálogo na Publicação (CIP)
Biblioteca “Wanda de Aguiar Horta”
Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Marques, Elaine Cristina Mendes

O sentido da avaliação para o enfermeiro professor: Uma análise abrangente da ação social / Elaine Cristina Mendes Marques. – São Paulo, 2012.

93p.

Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima Prado Fernandes.

1. Enfermagem - Educação 2. Ensino 3. Avaliação da aprendizagem 4. Pesquisa qualitativa I. Título.

Nome: Elaine Cristina Mendes Marques

Título: O sentido da avaliação para o enfermeiro professor: Uma análise abrangente da ação social.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gerenciamento em Enfermagem da Escola da Enfermagem da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____	Instituição: _____
Julgamento: _____	Assinatura: _____

Prof. Dr. _____	Instituição: _____
Julgamento: _____	Assinatura: _____

Prof. Dr. _____	Instituição: _____
Julgamento: _____	Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos:

Maria Beatriz e Murilo, que mesmo sem idade para entender o como e o porquê, ajudaram-me nos momentos em que precisei para elaboração deste estudo. Pelo amor, pela alegria que me proporcionam, por me mostrarem a paz somente no olhar, por me completarem e por acreditarem na mamãe.

Com vocês descobri o amor incondicional e imensurável!

AGRADECIMENTO ESPECIAL

A Deus, por me permitir vivenciar este momento e acrescentar mais esta experiência ao meu mundo vida. Por me dar estímulo, força e coragem para não desanimar quando achei que não conseguiria.

À orientadora, Profa. Dra. Maria de Fátima Prado Fernandes, pelo diálogo, respeito, compreensão, tolerância, paciência e amorosidade comigo e pela competência com que conduziu este estudo.

Ao meu marido Emerson, pelo respeito, por compreender o momento vivido e por estar presente nos momentos de alegria e dificuldade.

As minhas irmãs Ticiane, pelas palavras de apoio e confiança que nem mesmo o oceano conseguiu impedir e Meiriane pela presença constante, por cuidar de meus filhos como se fossem seus, pelo amor e respeito.

A minha mãe Elisete, por me mostrar o caminho e a importância do conhecimento e determinação, pelo seu amor e confiança.

A minha avó Ely, pelo seu amor, simplicidade, carinho e aconchego. Por mostrar a importância da família em nossas vidas.

A minha família, pelos momentos de alegria e descontração, e por sempre se fazer presente.

Sem vocês eu não conseguiria!

Muito obrigada!

AGRADECIMENTOS

Aos Professores Doutores: Genival Fernandes de Freitas e Maria Madalena Januário Leite, do Departamento de Orientação Profissional, por enriquecerem o Exame de Qualificação com seus valiosos apontamentos e contribuições.

A Claudia de Araújo Silva, minha grande amiga de todas as horas, pelo incentivo, motivação e respeito por nossa amizade.

Ao Oberdan Pedrosa Bispo, pela amizade e por me auxiliar nas tarefas de diagramação deste trabalho.

A Isabel Alves da Silva Araújo, por zelar pelo meu grande tesouro, meus filhos.

Ao Prof. Dr. Gilberto Tadeu Reis da Silva, pela confiança e pelo incentivo.

Aos funcionários do Departamento de Orientação Profissional (ENO), que sempre demonstraram atenção e carinho.

As colegas do Grupo de Pesquisa Aprendizagem Cognitiva, Emocional e Atitudinal em Enfermagem, pelo apoio e pela presença.

Aos enfermeiros professores e colegas de trabalho, e alunos do ensino de nível médio e graduação em enfermagem, que tanto contribuíram com a minha trajetória profissional e realização deste estudo.

Muito obrigada!

“O ato de avaliar não é um ato impositivo, mas sim dialógico, amoroso e construtivo”.

Carlos Cipriano Luckesi.

RESUMO

Marques ECM. O sentido da avaliação para o enfermeiro professor: Uma análise compreensiva da ação social [dissertação]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem, 2012. 93f

O trabalho do professor no processo de avaliação tem mostrado o quanto essa atividade é motivadora e ao mesmo tempo desafiante. As escolas apresentam diferentes modos de olhar para as práticas da avaliação, que se encontram agregadas a sua cultura, aos planos de ensino e as experiências de cada professor, e ao mesmo tempo de todos nelas envolvidos. Este estudo buscou conhecer e compreender o sentido da avaliação para o enfermeiro professor de curso técnico de nível médio em Enfermagem. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que utilizou como referencial teórico e metodológico a abordagem da Fenomenologia Social de Alfred Schütz. Para desenvolver este estudo foram realizadas entrevistas semiestruturadas com doze enfermeiros professores que vivenciaram a avaliação em curso técnico de nível médio em Enfermagem. A análise dos discursos conduziu à construção de categorias concretas que expressam os *motivos porque* e os *motivos para* da ação social. As categorias foram: relação entre ensino, professor e aluno; relação teoria e prática; modos de avaliar e subjetividade no processo de avaliação; profissionalização, qualificando o olhar da avaliação e o compromisso com a autoavaliação. Esta análise possibilitou identificar o tipo vivido “enfermeiro professor que vivencia em seu cotidiano escolar a avaliação do aluno no contexto da formação do técnico de enfermagem”, constituído por sentir-se preocupado com a forma de como a escola vem avaliando o aluno; socializar com os seus pares as angústias acerca da avaliação e trocar experiências positivas; buscar espaços de diálogos com liberdade de expressão e maior acolhimento em seu trabalho escolar e avaliar o próprio trabalho representado por meio de suas vivências no mundo vivido da avaliação. Este estudo desvelou que há um forte chamado para que a avaliação seja positiva para aluno e professor; e ainda enquanto professor faz-se necessário refletir sobre avaliação como processo e não somente como resultado. Os professores enfocaram que ter consciência da importância de uma avaliação formativa, integrada com base nos pressupostos metodológicos dialéticos dá sentido ao desenvolvimento de suas práticas educativas.

Palavras-chave: Enfermagem, Educação, Ensino, Avaliação da aprendizagem, Pesquisa qualitativa.

ABSTRACT

Marques ECM. The meaning of evaluation for the nursing teacher: An understanding analysis of social action. [dissertation]. São Paulo: University of São Paulo, Nursing School, 2012. 93f.

The teacher's task in the evaluation process has shown how much this activity is motivating and at the same time challenging. Schools present different ways of looking at evaluation practices, which are found to be linked to their culture, their teaching plans and the experiences from each teacher, and at the same time, all of those involved in them. This study sought to know and understand the meaning of evaluation for a nursing teacher of a nursing professional high school course. It's a qualitative research that used as theoretical and methodological referential the Social Phenomenology approach by Alfred Schütz. For developing this study, semi-structured interviews with twelve nursing teachers who faced the evaluation of a nursing professional high school course were made. Discourse analysis led to build concrete categories that expressed the reasons why and the reasons for social action. The categories were: relationship among teaching, teacher and student; theory and practice relationship; ways of evaluating and subjectivity in the evaluation process; professionalization; qualifying the evaluation view and the compromise with self-evaluation. This analysis made it possible to identify the living kind "nursing teacher who lives in his or her school routine the student's evaluation in the context of forming the nursing technician", as it embraces the feeling of concerning by the way schools have evaluated students; socializing with their peers the distress of evaluating and sharing positive experiences; searching for chances of dialogues with freedom of speech and greater welcoming in their school work and evaluating the work itself represented by their living experiences in a world full of evaluation. This study revealed that there is a great need of evaluation to be positive for both the student and the teacher. And also as a teacher, it's necessary to reflect on evaluation as a process and not just as a result. Teachers focused that, by having awareness of a formation evaluation, integrated with basis on the dialectic methodological assumptions, makes sense to the development of their educational practices.

Keywords: Nursing, Education, Teaching, Learning evaluation, Qualitative research

RESUMEN

El sentido de la valoración para el profesor enfermero: un análisis comprensivo de la acción social [disertación]. Sao Paulo: Universidad de Sao Paulo, Escuela de enfermeira, 2012. 93f.

El trabajo del profesor en el proceso de evaluación ha demostrado cómo esta actividad es motivadora y desafiante al mismo tiempo. Las escuelas tienen diferentes puntos de vista acerca de la evaluación de las prácticas, que forman parte de la cultura de la institución, de los planos de enseñanza y de las experiencias de cada profesor, y al mismo tiempo de todos los involucrados en ellas. Este estudio buscó conocer y comprender el significado de la evaluación para el profesor de enfermería de curso técnico de nivel medio en enfermería. Es una investigación cualitativa que utilizó como referencia teórica y metodológica el enfoque de la fenomenología Social de Alfred Schütz. Para desarrollar este estudio fueron realizadas entrevistas semi-estructuradas con doce enfermeros profesores que experimentaron la evaluación del curso técnico de nivel medio en enfermería. El análisis de los discursos llevó a la construcción de categorías concretas que expresan las razones de por qué y los motivos para la acción social. Las categorías fueron: relación entre enseñanza, profesor y alumno; relación teoría y práctica; formas de evaluar la subjetividad en el proceso de evaluación; profesionalización, calificando el punto de vista de la evaluación y el compromiso con la autoevaluación. Este análisis permitió identificar la tipología "profesor enfermero que vive en su día a día escolar la evaluación del alumno en el contexto de la formación del técnico de enfermería", caracterizado por sentir preocupación por cómo la escuela viene evaluando al alumno; socializar con sus compañeros la angustia acerca de la evaluación y el intercambio de experiencias positivas; búsqueda de espacios de diálogos con libertad de expresión y mejor recepción en su trabajo escolar y evaluar el propio trabajo representado a través de sus experiencias en el mundo vivido en la evaluación. Este estudio reveló una fuerte llamada para que la evaluación sea positiva para alumno y profesor e incluso como profesor se hace necesario reflejar la evaluación como proceso y no solamente como resultado. Los profesores resaltaron que ser conscientes de la importancia de una evaluación formativa, integrada en base a hipótesis metodológicas dialécticas da sentido al desarrollo de sus prácticas educativas.

Descriptor: Enfermería, Educación, enseñanza, evaluación del aprendizaje, la investigación cualitativa

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1 O despertar para a temática	13
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
2.1 Contextualizando avaliação.....	17
3. ALFRED SCHÜTZ.....	26
3.1 Abordagem teórico-filosófica	26
4. OBJETIVO.....	32
5. PERCURSO METODOLÓGICO	34
5.1 Regiões de inquérito.....	35
5.2 Sujeitos do estudo	35
5.3 Caracterização dos sujeitos	36
5.4 Aspectos éticos da pesquisa	41
5.5 Procedimentos para obtenção dos depoimentos	41
5.6 Análise dos depoimentos	43
6. CONSTRUÇÃO DAS CATEGORIAS CONCRETAS	48
6.1 Categorias emergentes dos motivos porque dos depoimentos dos enfermeiros professores.....	48
6.2 Categorias emergentes dos motivos para dos depoimentos dos enfermeiros professores.....	65
7. TIPO VIVIDO	79
8. COMPREENSÃO E SENTIDO DA AVALIAÇÃO	81
REFERÊNCIAS	85
ANEXOS.....	91

Introdução

1. INTRODUÇÃO

1.1 O despertar para a temática

Antes de despertar para a área da saúde, cursei magistério obtendo o certificado no ano de 1995. Nesta formação, adquiri conhecimentos pedagógicos que foram e são significativos até hoje para atuar na área da educação. A seguir fiz o curso de Bacharel em Enfermagem, onde os assuntos voltados à área da docência chamavam-me atenção, principalmente nos aspectos da prática relacionados com os alunos. Neste percurso, à questão da avaliação me incomodava por ser algo muito distante daquilo que concebia como valor. Para mim, a avaliação é um processo complexo, e ainda se torna difícil pelo fato de cada um ter sua trajetória, seu estilo, tempo e forma de construir o conhecimento e subjetividade presente nas relações.

No ano de 1999, graduei-me como enfermeira e logo me inseri no mundo do ensino. Em 2000, iniciei minha profissão como enfermeira professora, no curso profissional técnico em Enfermagem. Nesta instituição de ensino, lecionava disciplinas voltadas para procedimentos básicos, no campo da teoria e da prática; e farmacologia aplicada à Enfermagem.

No ano de 2001, cursei Licenciatura em Enfermagem. Continuei me aprimorando e buscando atualizar-me na área de Enfermagem como enfermeira professora. Neste período, deparei com muitas indagações e no ano de 2004 fui fazer Especialização em Educação e Formação em Saúde. Nesse percurso fui formando-me professora e avaliando-me ano a ano, percebendo o quanto havia crescido e melhorado na atuação do ensino, focando atenção maior ao planejamento e à aprendizagem do aluno.

Meu compromisso como professora foi crescendo em relação às atividades inerentes ao processo de ensino-aprendizagem e na condução das aulas teóricas e práticas. Dentre as atividades desenvolvidas, causou-me preocupação o como eram

trabalhados alguns componentes da avaliação, principalmente no contexto da aplicabilidade técnica instrumental, bem como na relação professor-aluno.

No início senti falta na literatura em Enfermagem de maior concretude acerca de como avaliar o aluno na prática, em sala de aula e campo de estágio. Busquei participar de discussões com os professores, compareci em congressos, o que aumentou minha angústia e inquietação diante de tão complexa realidade.

Após quatro anos na docência, fui convidada a fazer parte da coordenação do curso no qual era professora. Naquele momento, senti um grande desafio e muitas incertezas, mas também possibilidades para ampliar meus conhecimentos na área da educação. Por outro lado, tive sentimento de satisfação pela possibilidade de poder trabalhar situações que me afligiam no âmbito da avaliação junto aos meus pares, com olhares e posturas pautados em novos princípios e valores.

Fui aprendendo com os professores e alunos, e assim ampliei o modo de olhar questões relativas à avaliação. Estas tornaram-se mais presentes e ativas no dia a dia, principalmente nos fóruns de discussão dos planejamentos de ensino, os quais apontavam para a necessidade de se buscar modos consensuais e práticos para tomadas de decisões, em direção às respostas positivas e voltadas para a implementação da aprendizagem crítica e significativa.

A partir deste trabalho, ainda observamos o descontentamento pelos alunos e discordâncias entre os professores acerca da avaliação, o que foi desafiador, dificultador e ao mesmo tempo motivador, pois se exige de todos os professores humildade e capacidade para escutar os alunos e também identificar suas próprias fragilidades diante do processo da avaliação.

Nesse percurso, a motivação para realizar este estudo foi sedimentada pela necessidade de que se abram novas possibilidades de trabalhar o processo de avaliação com maior consciência e propriedade. Como coordenadora do curso técnico de nível médio em Enfermagem, busquei elementos e motivos para avaliar o aluno de Enfermagem em um contexto de aprendizagem que abarque a avaliação crítica, construtiva e significativa. Acredito ser importante que o enfermeiro professor possa refletir sobre o sentido e significado da avaliação e buscar compreendê-lo, sobretudo se comprometer-se com a formação do aluno, preservando a

subjetividade nas relações da construção do conhecimento e na formação para o exercício profissional.

Nessa direção, torna-se possível estabelecer os objetivos propostos em cada fase do aprendizado junto ao aluno, requerendo que ele saiba manter um diálogo que propicie abertura para melhor avaliar o processo do trabalho.

A pesquisa que insere aspectos referentes à avaliação no âmbito da Enfermagem deve ser ampliada, pois houve mudanças no modo de conceber o processo ensino-aprendizagem e no perfil do aluno, permeada pelo trabalho do profissional em Enfermagem.

Ao desenvolver esse trabalho, pude perceber que esta pesquisa pode ser um diferencial para a qualidade da avaliação que envolve o ensino em Enfermagem, neste particular do ensino técnico de nível médio.

*Fundamentação
teórica*

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Contextualizando avaliação

Avaliação sempre foi considerada algo complexo e nem sempre se elegem componentes de aprendizagem significativos para se trabalhar o processo da aprendizagem. Os profissionais que atuam no ensino vêm discutindo acerca da avaliação, mas com dificuldades para construir e viabilizar condições favoráveis de aprendizagem. Estes devem trabalhar com conteúdos que façam sentido ao aluno diante do conhecimento apreendido, criando espaços com métodos efetivos ao desenvolvimento da aprendizagem para a sua formação.

Apesar de se falar tanto em avaliação, ainda hoje o aluno encontra-se em transição em ser um agente passivo para a condição de ativo em relação à aprendizagem. Ora por motivo do currículo ou por este ser conteudista ou por ser muito sucinto, retrata a falta de recursos nas escolas para prover experiências significativas.

A busca, então, pelo professor, por aprimorar avaliação deve ser constante, a fim de agregar novas competências e habilidades, adquirir novas atitudes frente o ato de avaliar, reconhecer a importância do processo de avaliação e suas implicações para a consolidação de uma aprendizagem significativa.

Alguns professores buscam criar e utilizar novas estratégias de ensino que valorizam o conhecimento do aluno, ampliando a possibilidade de ele aprender e apreender novos conhecimentos em um ambiente de aprendizagem salutar a todos. Com esse propósito, a avaliação pode ser conjugada pelo potencial do aluno atingir os objetivos propostos num período de tempo que seja favorável a construção progressiva da aprendizagem.

Sabe-se que a avaliação na educação formal e tradicional torna o aluno imobilizado para desenvolver algumas atividades que o levem a alcançar novos patamares do saber de modo progressivo. Por vezes, o aluno é tratado como um

depósito de arquivos, sem atenção; vivencia uma relação com o professor que pouco contribui para evoluir na construção do conhecimento, não somente no âmbito científico, mas também no ético, político e social.

O que se espera do professor é que este seja mediador da aprendizagem e considere o aluno como um ser ativo no processo ensino-aprendizagem. Nessa condição, ele não deve distanciar-se das necessidades do aluno, e sim inseri-lo no ambiente social da escola, de modo que o leve a buscar e produzir, no seu tempo real, mudanças de grau em aquisição de novas responsabilidades e compromisso com autoaprendizagem.

O professor deve caminhar junto e interferir o mínimo indispensável no processo de construção do conhecimento do aluno e sem se furtar quando necessário. Professores e alunos são considerados como pessoas concretas e objetivas, condição esta que determina e é determinado por sua própria história social. Kikuchi¹ ressalta que, atualmente, métodos mais inovadores são ainda difíceis de ser aplicados nas escolas, pois algumas metodologias tradicionais ainda estão presentes nas práticas avaliativas de professores. Estas metodologias contêm em seu bojo elementos que despertam no aluno uma preocupação muito maior com a nota do que aprendizagem em si.

A avaliação está presente em todos os domínios da atividade humana, sejam por meio de reflexões informais, que orientam as frequentes opções do dia a dia, seja formalmente, por meio da reflexão organizada e sistemática que define a tomada de decisões. Os valores, crenças e princípios acabam por orientar as práticas pedagógicas escolares, refletindo a própria construção social da realidade². Partindo desses pressupostos, o educando deve ser ativo, dinâmico e participar ativamente da construção de seu próprio conhecimento³.

Para que haja um trabalho consciente, o professor deve olhar como vivencia o processo de avaliação e também se faz necessário que ele avalie o quanto aplica métodos em sua prática, favorecendo a adoção de métodos inovadores de ensino e aprendizagem que propiciem o desenvolvimento do pensamento livre, para que o aluno seja crítico, reflexivo, participante e corresponsável pela construção do conhecimento, com consciência para transformar a realidade em que vive.

Ao olhar para a prática de avaliação significativa, onde se valoriza toda bagagem de conhecimento do aluno, é desejável que o professor reflita sobre como se aproxima no ensino de conteúdos vivos, concretos e indissociáveis das realidades sociais. Para isso, os professores devem adotar diferentes métodos de ensino, colocando-se como mediadores da aprendizagem, para que o aluno possa construir o conhecimento por meios de instrumentos educacionais adequados a realidade histórico-social e as suas condições de aprendizagem.

Dentro de uma concepção pedagógica mais moderna, a educação pode estar associada à vivência de experiências múltiplas e variadas, considerando o desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social do aluno⁴.

Educar, então, pode ser caracterizado como formação e o aprender como construção do saber. Para tanto a avaliação deve assumir dimensões mais abrangentes, ou seja, conhecer em que medida e como os alunos estão alcançando os objetivos propostos em face do processo de ensino-aprendizagem e de que maneira a avaliação vem propiciando reflexão ao professor e ao aluno em suas atividades laborais⁴.

Por avaliação Hoffman (2008, p.4) compreende que:

Avaliação é sinônimo de evolução. Eu respondo sobre a evolução de um aluno de uma tarefa a outra, de um fazer a outro, de um momento de convivência a outro. Avaliação é, basicamente, acompanhamento da evolução do aluno no processo de construção do conhecimento. E para responder sobre essa evolução eu preciso caminhar junto com ele, passo a passo. Eu não posso me postar no final do caminho e dizer se o aluno chegou lá. É preciso acompanhá-lo durante todo o caminho.

No processo ensino-aprendizagem, a avaliação age como uma “via de mão dupla”; assim, está diretamente ligada ao trabalho desenvolvido pelo professor, tendo em vista que, ao verificar se o aluno “conseguiu” aprender, o professor indiretamente avalia o que ele próprio pode ensinar. Corroboramos o pensamento de Perrenoud no sentido de que a avaliação é polivalente, pois as informações contidas nela servem para fins muito diferentes⁶.

Um dos pontos que orientam como o processo de avaliação está se desenvolvendo no ensino é aquele que mantém uma intrínseca relação entre o aluno e o professor. Nessa relação, ambos aprendem a partir da troca de saberes e experiências. Essa mediação pedagógica do professor dá-se pela intencionalidade no provimento das condições para a aprendizagem do aluno. O que requer, de ambos, uma disposição para o diálogo e negociação durante o processo. Assim, a avaliação serve para que os alunos aprendam mais e melhor.

Para Severino⁷ a avaliação do desempenho do aluno é a tarefa mais delicada da vida acadêmica de professores e alunos.

A avaliação deve contribuir para a melhoria da qualidade da aprendizagem e do ensino, precisa ser contínua, sistemática, dar continuidade ao processo de aprender e ensinar, e ser, portanto, um recurso, um meio e não apenas um fim. Jamais deve ser analisada em si mesma, mas como um componente que faz parte de um sistema de ações pedagógicas. Este caminho deve ser trilhado com objetivos previamente discutidos e analisado pelos professores junto aos alunos.

Luckesi⁸ afirma que os alunos vêm até nós, professores, para aprender e não para serem examinados; porém, o que fazemos hoje em dia é examinar e não avaliar. Os exames são excludentes e classificatórios, ao passo que a aprendizagem necessita de inclusão pelo acolhimento, pela orientação e reorientação, o que só pode ser subsidiado pelo ato de avaliar, que é diagnóstico.

Na realidade em que vivemos, nota-se grande desconforto, por alguns professores em avaliar o aluno e, por outro lado, observa-se o descontentamento do aluno, por estar em desacordo com a “nota obtida”, ou até mesmo pelos meios utilizados para ser avaliado.

De acordo com Tosi⁹, professores que não conseguem organizar projetos didáticos acabam propondo avaliações sem nexos, demonstrando a falta de compreensão do processo de avaliação como um todo ou mesmo o descompromisso para com a aprendizagem efetiva dos alunos.

Por haver um estreito relacionamento entre os procedimentos de ensino e os resultados obtidos pelo aluno, a avaliação deve desempenhar um papel de

retroalimentação (feedback), pois fornece dados para que o professor repense e replaneje sua atuação didática, visando ao aperfeiçoamento de sua prática.

Frias¹⁰ refere em seu estudo que o professor detém uma gama de informações estruturadas que lhe possibilitam iniciar o processo de aprendizagem do aluno de forma sistematizada, levando-o a construir seu saber por meio da apropriação crítica, enriquecendo seus conhecimentos, sendo fundamental, neste processo, que o professor atue como mediador da aprendizagem, conduzindo a prática educativa.

A educação em Enfermagem, numa perspectiva crítica, parte do princípio que o professor deve conhecer, repensar e aprimorar o seu trabalho pedagógico para desenvolvê-lo com responsabilidade e competência. O fato de o professor reorganizar seu trabalho está diretamente ligado ao cuidado com o outro (aluno), com a importância que se deve dar à relação interpessoal, à aprendizagem e ao desenvolvimento humano do aluno.

O professor de Enfermagem, ao preparar seu aluno para exercer as atividades dentro de uma linha de reflexão crítica, deve situar-se numa realidade social, com aprendizagem e meios de intervenções circundadas por ela, com visão mais ampliada, participativa e construtiva.

Perrenoud¹¹ ao estudar o processo de avaliação considera que este deve ser pautado em princípios e valores “carregados” de significados, que requerem do professor uma conduta mais consciente e aberta, que tenham intencionalidade com o intuito de transformar a realidade vivida.

Essa premissa vem ao encontro da avaliação formativa que considera que o aluno aprende ao longo de um processo e que o conhecimento deve fazer sentido para ele. Essa verdade se fortalece em princípios, que decorrem do cognitivismo, do construtivismo, do interacionismo, das teorias socioculturais e das sociocognitivas.

Autores preocupados com a dimensão educativa, como Morin¹² e Zabala¹³ discorrem sobre avaliação formativa, e dentre eles, comungamos com a visão de Matui¹⁴, que contempla em sua concepção a avaliação formativa como uma avaliação dialógica, afirmando que o diálogo perpassa por uma proposta

construtivista de ensino, garantido um processo de intervenção eficaz e uma relação de afetividade, que contribui para a construção do conhecimento. Na perspectiva do autor, a "avaliação dialógica" será subsidiada pela diagnóstica, viabilizando a participação do aluno no processo ensino-aprendizagem.

Na avaliação formativa, inscreve-se uma relação diária entre professor e aluno, sendo que seu objetivo é que ambos aprendam com essa relação. Assim, o professor tem interesse em tornar a amplitude do trabalho de observação e de interpretação proporcional à situação singular do aluno, a partir de um diagnóstico para solucionar problemas de modo compartilhado⁸.

Diante desta realidade, as escolas não conseguem adequar-se para compreender como trabalhar nessa vertente da construção do conhecimento, pois há muitas dificuldades decorrentes, como: programas de aprendizagem excessivamente longos, demasiados alunos por turma em sala de aula, e mudanças de valores em relação à aprendizagem. Perrenoud⁶ menciona que o ato de avaliar deve conter uma observação qualitativa dos fatos e gestos, palavras, raciocínios, levando o aluno a manter contato com a realidade, problematizando e buscando possíveis soluções.

É muito difícil falar em avaliação sobre eficiência, eficácia e efetividade. Pois isso tem a ver com aproximação e relação entre teoria e prática, bem como objetivo previsto e realizado, tendo em vista os resultados efetivamente alcançados. Por outro lado, nem todos os resultados garantem impactos e mudanças efetivas para avaliar a qualidade do ensino.

Essa questão deveria ser olhada pelo professor como aquele que deve ajudar o aluno a se desenvolver, levando em consideração a regulamentação da aprendizagem e do desenvolvimento no sentido de um projeto educativo¹³.

Todo esse processo deve ser objeto de reflexão a partir de como o professor ensina, contemplando os conteúdos factuais: às vezes menosprezados, mas indispensáveis, e cuja aprendizagem é verificada pela reprodução literal; os conteúdos procedimentais: verificados pela realização das ações dominadas pela exercitação múltipla e tornados conscientes pela reflexão sobre a própria atividade;

os conteúdos atitudinais: observados pela interiorização e aceitação, o que implica conhecimento, avaliação, análise e elaboração¹⁵.

Os estudos de Perrenoud¹¹ acerca da avaliação do ensino ressaltam que as práticas pedagógicas do mundo do professor englobam uma multiplicidade de fatores que podem aproximar-se ou distanciar-se daquilo que é essencial para a formação do aluno. Nesse contexto se faz necessário ocorrer desvelamento do sentido de avaliar para melhor compreensão do fenômeno que aparece no exercício da prática da avaliação.

No processo de compreensão do mundo da educação, tanto o professor quanto o aluno precisam colocar-se numa postura de permanente indagação ante o fenômeno, para poder compreender a sua totalidade a partir de experiência da realidade, conforme sinaliza Capalbo em seus estudos fenomenológicos¹⁶.

O experienciar ser professor trabalhando com o fenômeno da avaliação, em determinado tempo e espaço é marcado por uma contínua reflexão avaliativa do fazer, onde o professor e aluno, juntos constroem significações, visto que a construção de todo processo da avaliação é processada mediante a elaboração de significados e sentidos.

O modo particular em como cada professor abre espaço para compartilhar com seus pares os problemas e desafios da avaliação, é algo que não é fechado, mas sim em processo de constante mudança em busca de uma avaliação formativa e construtiva.

Muitos conflitos ainda são totalmente velados tanto pelos enfermeiros professores como pelos alunos, mas, quando surgem vêm “carregados” de significados que mudam de acordo com a história de vida de cada um. É preciso compreender esses significados e refletir sobre o que se deseja com avaliação, a qual também vem acompanhada de conceitos e juízos de valores que se alteram e modificam o sentido de avaliar conforme o contexto a qual está inserida.

Parece que esse fato já é histórico; creio que os enfermeiros professores precisam interrogar-se mais; de modo que possam vir a desvelar como estão

trabalhando a avaliação em seu cotidiano e percebendo seu compromisso com a formação do aluno.

Pensando e concordando com estes fundamentos, surgiu o desejo de compreender a vivência da avaliação pelos enfermeiros professores, mediante alguns questionamentos: Como os enfermeiros professores vêm percebendo o sentido de avaliar? Como eles têm vivenciado o ato de avaliar em seu cotidiano de trabalho? Como eles têm refletido acerca da avaliação para o alcance da qualidade? Como o dialogar com avaliação pode ajudar a mudar o contexto laboral?

Nessa conjectura, este estudo problematiza qual seria a postura mais apropriada do professor para avaliar o aluno de curso técnico de nível médio em Enfermagem, no contexto da avaliação crítica, construtiva e significativa. Por fim, este trabalho visa fornecer subsídios para a construção do conhecimento acerca do processo de avaliação do educando, compreendendo a experiência vivida do enfermeiro professor, apreendida a partir de sua vivência no mundo da avaliação no contexto escolar.

*Alfred
Schütz*

3. ALFRED SCHÜTZ

3.1 Abordagem teórico-filosófica

Alfred Schütz nasceu na Áustria em 1899 e estudou Ciências Sociais na Universidade de Viena. Viveu na França em 1938 e nos Estados Unidos em 1939, trabalhando com pesquisa na vertente social buscando sedimentação na Fenomenologia Sociológica, contrapondo algumas questões da fenomenologia com abordagens americanas.

Teve papel importante, contribuindo com o desenvolvimento da fenomenologia social. Foi em Nova York membro da *New School for Social Research* e professor do Departamento de Estudos Superiores de Ciências Políticas e Sociais. Fundou a sociedade Internacional de Fenomenologia e participou do Conselho Editorial da Revista *Philosophy and Phenomenological Research*¹⁷.

Schütz dedicou-se à fenomenologia, à metodologia das ciências sociais. Recebeu influência das filosofias de Edmund Husserl (1859 – 1938) e Max Weber (1864 – 1920). Pode-se dizer que a obra de Schütz surge da confluência entre fenomenologia husserliana e a sociologia compreensiva weberiana.

Husserl partia das experiências do humano consciente que vive e age no mundo, consciência essa dirigida para os objetos reais ou imaginários. Para ele, a fenomenologia tem a tarefa de explicitar o mundo da vida e as estruturas relacionais entre a consciência e o seu objeto.

Weber considerava que a sociologia deveria se preocupar com os significados subjetivos da ação humana, sendo que a objetividade das ciências sociais seria possível pela construção e verificação dos “tipos ideais”. Estes devem emergir do material histórico concreto, comportando em si significados intencionais da ação humana¹⁸. A partir desses estudos, Schütz, em sua teoria social, enfatizou o aprofundamento dos conceitos da Sociologia Compreensiva. Valorizava o ponto de

vista de Weber de que as Ciências Sociais devam ocupar-se da compreensão do significado da ação social. No entanto, mesmo tendo concordado com Weber que a objetividade das Ciências Sociais só é possível por meio da construção de tipos ideais, Schütz afirma que esses ideais são emergentes da situação histórica concreta, na qual os comportamentos apresentam-se em si mesmo com significados¹⁶.

Nessa perspectiva o pensamento de Schütz fundamentou-se na compreensão do mundo vida, utilizando-se das Ciências Sociais para compor a Fenomenologia Sociológica. Baseou-se na experiência do mundo vida, alicerçando-se no sujeito que tem vivência própria e singular a partir da situação vivida.

A partir dessas ideias, Schütz reinterpretou as relações sociais. Estudou as ciências naturais, as quais utilizam o método explicativo, e também as ciências sociais, que aplicam o método compreensivo originado de Weber, e desse modo, aprofundou-se nos estudos das ciências sociais.

Em seu pensamento, Schütz acreditava que o homem da atitude natural está situado biograficamente em seu “mundo da vida”, sobre o qual e no qual ele deve agir. Ele possui um conhecimento de seu mundo, sedimentado pelo caráter biográfico de sua história¹⁶.

Para Paiva e Mello, Schütz demonstrou ter preocupações com os processos sociais, que foram compreendidos como¹⁹:

- a passagem da duração e interlocução do mundo espaço temporal, que corresponde à conformação da experiência, ou seja, uma experiência individual que é fundamentalmente social, tecida cooperativamente no processo social;
- constituição dos contextos de experiência e ações, que se refletem no espaço intersubjetivo propriamente dito, por meio do qual as condutas são reguladas.

Dessa maneira, que essas idéias centralizam a reflexão de Schütz, ou seja, experiência e ação.

Estes significados são produzidos biograficamente em um mundo vivido coletivamente e que tem um caráter prático. Cada ser humano só pode ser compreendido a partir de sua biografia, ou seja, sua situação no tempo e no espaço, que é determinada por valores e crenças com os quais comunga e dos quais compartilha²⁰.

A *situação biográfica* determinada “é a sedimentação de todas as experiências anteriores desse homem, organizadas de acordo com as posses ‘habituais’ de seu estoque de conhecimentos a mão, que como tais são posses unicamente dele, dadas a ele e a ele somente”^{20,21}. O mundo vida é o mundo do senso comum e esse mundo não é da esfera do privado, mas uma subjetividade compartilhada, em que a vivência é interpretada reciprocamente. O homem ao relacionar-se com o outro, interage com o mundo do outro e vice-versa, constituindo assim o *mundo nós*, que, para Schütz, é intersubjetivo, de relacionamentos mútuos, existindo a possibilidade de um aproximar-se da vivência do outro em sua unidade e totalidade de modo simultâneo¹⁶.

A *ação social* refere-se às relações interpessoais existentes, em que uma pessoa atua sobre a outra, caracterizando um significado subjetivo. Ao passo que na relação intersubjetiva, estes significados vividos são contextualizados, o sentido social vai sendo representado dia a dia²².

A proposta de Schütz visa compreender que significados a realidade social tem para o sujeito, que experiência e o que significa a ação deles dentro desta realidade. Pois esta pode ser percebida como uma conduta dirigida a realização de um determinado fim e essa ação só pode ser interpretada pela subjetividade do autor, pela compreensão de seus motivos²³.

Schütz também denomina alguns elementos próprios para a compreensão do mundo vivido, que podem ser compreendidos nos fenômenos do dia a dia das pessoas que se inserem em contexto social²⁴.

Alguns questionamentos poderiam ser pontuados a fim de melhor compreender essas relações. Indagando: Como se constitui e se partilham as experiências acerca da avaliação entre os enfermeiros professores? Como elas se

sedimentam e se transmitem? Como elas se tornam intersubjetivas? Como são partilhadas socialmente, por meio das ações sociais? Como é possível compreender ação entre os enfermeiros professores se sua significação é subjetiva?

Todos esses questionamentos são naturais, pois são impulsionados por motivos, e Schütz os evidencia pelos motivos da ação: *motivos porque* e *motivos para quê* o indivíduo reflete sobre seu passado, utilizando sua bagagem de conhecimento e projeta-se para o futuro.

Motivos porque se refere ao passado sedimentado, isto é, à situação do enfermeiro professor que já possui sua bagagem de conhecimentos e poderá determinar o projeto; *Motivos para quê* se encontra relacionado aos motivos pelos quais irá agir, ao projeto a realizar e a vontade de fazê-lo como forma de realizar ação²⁰.

Nos *motivos para* a recorrência, à minha *bagagem de conhecimentos* disponíveis se faz necessária, a qual contém *tipificações* de meus semelhantes, atribuindo-lhes motivos típicos para agir. Este processo se dá na interação social de tipo face a face. A fundamentação dos *motivos para* é feita pelo conjunto do sistema de interesses e de relações na atitude natural. Baseia-se no projeto e é caracterizada pela intenção (ação social).

Nos *motivos porque* a referência se faz pela *bagagem de conhecimentos* dos atores sociais e o meio ambiente, os quais vão determinar o projeto. Refere-se também ao respeito às condições objetivas, sendo pertinentes ao observador por meio da reconstrução da ação já realizada^{25, 26}.

Nessa condição, refere-se às experiências que temos dos objetos, do nosso mundo vida. Elas são típicas e não únicas e singulares e pressupõem maior ou menor familiaridade, intimidade, anonimato e intensidade.

As *tipificações* são representações construídas pelos próprios atores sociais, segundo suas relevâncias. O homem tipifica o mundo para compreender e comunicar-se com seus semelhantes, ou seja, compartilhando o mundo com os outros¹⁶.

Todos esses elementos facilitam a compreensão do contexto social em relação ao mundo vivido pelos enfermeiros professores, a fim de se poder analisar o fenômeno à luz do referencial de Schütz.

Neste estudo, a fenomenologia social nos fornece suporte para investigar o que se constituirá em característica típica do enfermeiro professor que vivencia a experiência de avaliar.

Objetivo

4. OBJETIVO

Conhecer e compreender o sentido da avaliação para o enfermeiro professor de curso técnico de nível médio em Enfermagem.

Percurso Metodológico

5. PERCURSO METODOLÓGICO

A opção pela pesquisa exploratória de natureza qualitativa, na fenomenologia, apresentou-se como possibilidade para abrandar minhas inquietações no mundo da avaliação.

Essas inquietações impulsionaram-me a investigar acerca da avaliação. A abordagem qualitativa permite descrever e aproximar de uma maior compreensão do mundo vivido e, por meio dela, buscar aprofundar significados de ações e relações humanas situados no campo do ensino.

Estudar a relação intrínseca do ensinar e do aprender na perspectiva da avaliação requer partir de uma interrogação acerca do fenômeno. Para Martins, Bicudo²⁷ este precisa ser situado, estar sendo vivenciado pelo sujeito, como decorrência do “mundo vida”.

Tornar a avaliação como uma prática educativa a ser desenvolvida no ensino, na perspectiva fenomenológica, indica refletir o fazer e buscar o sentido do como o ensinar e o aprender surgem como fenômeno no cotidiano nas escolas.

Este propósito busca compreender como os professores vivenciam o fenômeno da avaliação. Traz como ponto de partida a necessidade de se aproximar de experiências que façam sentido comum na situação vivenciada.

A opção pelo referencial filosófico da Fenomenologia Social de Alfred Schütz foi feita para subsidiar a análise dos dados do presente estudo, e pela necessidade de me aprofundar nas questões que cercam a avaliação no contexto social.

5.1 Regiões de inquérito

A escolha do campo destina-se a enfermeiros professores que atuam em escolas de curso técnico de nível médio em Enfermagem por se tratar de um espaço em que os sujeitos trabalham com avaliação, no ensino teórico e prático, e, portanto, existe o fenômeno que se manifesta e do qual emerge o sentido da avaliação.

A região de inquérito é a região da perplexidade, o local transparente das preocupações do pesquisador. Não é, portanto, um espaço físico, mas um contexto conceitual onde as pessoas agem²⁸. O inquérito é realizado onde o fenômeno acontece e o pensamento se produz. A região onde o fenômeno será inquerido é constituída por pessoas que vivenciam a situação a ser pesquisada, isto é, o fenômeno a ser estudado²⁹.

Os professores que constituíram os sujeitos desta pesquisa foram aqueles que, em seu mundo vida, puderam trazer sua situação biográfica e bagagem de conhecimento, considerando este mundo o mundo de suas experiências coexistente com o mundo intersubjetivo.

5.2 Sujeitos do estudo

Para realizar este estudo, me aproximei de doze enfermeiros professores de ensino técnico de nível médio em Enfermagem.

Todos estavam atuando na área de ensino à época do inquérito, no campo teórico e prático, com mínimo de dois anos de experiência. Para buscar os sujeitos que preenchessem os critérios estabelecidos de inclusão, considerei o espaço social da escola por ser um ambiente de formação.

A escola campo de estudo, que trabalha com educação profissional de ensino técnico na área da saúde, trata-se de uma instituição filantrópica, localizada no município de São Paulo.

5.3 Caracterização dos sujeitos

A caracterização dos sujeitos foi construída a partir de um instrumento utilizado para identificar o mundo vida e buscar informações adicionais referentes à formação e aspectos relativos à atuação de cada professor do ensino do curso técnico de nível médio em Enfermagem.

Segundo Schütz, o homem, em seu mundo da vida, encontra-se numa situação biográfica que vai determinando sua história. Esta concepção refere-se à sedimentação de suas experiências anteriores que foram importantes, as quais se organizam baseadas em aquisições de conhecimentos já armazenados em sua bagagem, de modo que se manifestam como recurso à mão. O homem, ao se inserir em um ambiente físico, social e cultural, ganha espaços e assume papel dentro do sistema social integrado a postura ideológica e moral.

A situação biográfica ainda aponta para o fato de que duas pessoas jamais podem vivenciar a mesma situação da mesma forma. Ao conhecer a situação biográfica de um homem, podemos, a partir de seu passado, compreender suas ações presentes e futuras^{30,31}.

As informações presentes no mundo vida do professor e de suas relações sociais (situação biográfica), neste estudo, motivaram a busca nas falas dos sujeitos.

Para manter o sigilo sobre a identidade de cada sujeito, foram utilizados pseudônimos representados por nomes de flores orquídeas, e a relação com cada participante do estudo.

Inserimos determinados tipos de orquídeas para identificação de cada participante do estudo, estabelecendo uma analogia entre as condições que

influenciam o cultivo dessas flores e o contexto em que se dá a prática dos docentes. Entendemos que, nas escolas os cenários de atuação (ambiente) do professor influenciam ou direcionam modos de perceber o contexto do ensino e de buscar suporte para cultivar o ofício como professor.

Para cultivar uma orquídea um dos primeiros passos é a identificação correta da espécie. Para o êxito no cultivo desta planta, deve-se utilizar com precisão a iluminação, a periodicidade de regas, o substrato, e outros fatores necessários, além de consultar orquidófilos com experiência para obtenção de informações significativas que possam ser úteis no cuidado com a planta.

Do professor espera-se que tenha aptidão para exercer sua profissão e que queira estudar, buscar aprimoramento e “terreno fértil” para apreender e praticar o seu ofício em prol do ensino e da aprendizagem.

As orquídeas, de maneira geral, não são plantas delicadas e frágeis, como também os professores, que devem aprender a ser fortes para lidar com diferentes situações do mundo vida escola, adaptando-se no dia a dia para enfrentar os desafios da educação relacionados à avaliação. Precisam ainda construir e cultivar novos espaços de conhecimentos, bem como trocar experiências, que são necessárias para o desenvolvimento de sua prática educativa.

A seguir apresentamos as “orquídeas” que correspondem aos nomes dos sujeitos que fizeram parte deste estudo, apresentando conteúdo referente à situação biográfica dos enfermeiros professores.

Laélia: Especialista em médico cirúrgico e obstetrícia, licenciada em enfermagem. Atua na instituição escolar há vinte anos, atuando no campo teórico e estágio. Trabalha como enfermeira assistencial.

Miltônia: Especialista em cardiologia e saúde coletiva, licenciada em Enfermagem. Trabalha na instituição escolar há sete anos, atuando no campo teórico e estágio. Trabalha como enfermeira assistencial.

Licaste: Especialista em saúde da família e obstetrícia, licenciada em Enfermagem. Trabalha na instituição escolar há sete anos, atuando em campo teórico e estágio, e em outra instituição de ensino superior. Tem experiência como enfermeira assistencial.

Maxilária: Especialista em gerenciamento dos serviços de Enfermagem e educação em saúde. Trabalha na instituição escolar há quatro anos em campo teórico e estágio e também em outra escola técnica.

Masdevália: Especialista em pediatria, educação e licenciada em Enfermagem. Atua na instituição escolar há nove anos em campo teórico e estágio, tem experiência em outras escolas técnicas em Enfermagem e como enfermeira assistencial.

Encília: Especialista em obstetrícia, licenciada em Enfermagem. Trabalha na instituição escolar há três anos, em campo teórico e estágio. Atua em outra instituição de ensino superior e tem experiência como enfermeira assistencial.

Disa: Licenciada em Enfermagem e especialista em pediatria. Trabalha na instituição escolar há sete anos em campo teórico e estágio. Tem experiência com outras escolas técnicas em enfermagem e como enfermeira assistencial.

Aerângio: Licenciado em Enfermagem. Atua na instituição escolar há quatorze anos em campo teórico e estágio. Tem experiência como enfermeiro assistencial e em outras instituições de ensino.

Epidêndrio: Especialista em UTI, licenciada em Enfermagem. Trabalha na instituição escolar há sete anos, em campo teórico e estágio e também em outra escola técnica em enfermagem. Possui experiência como enfermeira assistencial.

Cymbidium: Licenciada em Enfermagem. Trabalha na instituição escolar há dois anos em campo teórico e estágio, concomitante em outra instituição de ensino técnico em enfermagem. Atua como enfermeira assistencial.

Falaenopsis: Licenciado em Enfermagem. Trabalha na instituição escolar há quinze anos, em campo teórico e estágio. Atua como enfermeiro em recursos humanos e tem experiência como enfermeiro assistencial.

Angreco: Especialista em gerenciamento dos serviços de Enfermagem, licenciado em enfermagem. Trabalha na instituição escolar há cinco anos em campo teórico e estágio. Possui experiência como enfermeiro assistencial.

Características identificadas dos enfermeiros professores: nove professoras e três professores; com idade entre vinte e dois e cinquenta anos; tempo de formação entre dois anos e meio e vinte e dois anos; tempo de experiência como enfermeiro professor entre dois a quinze anos; os professores possuem especialização e licenciatura em Enfermagem e ministram aulas teóricas e práticas.

5.4 Aspectos éticos da pesquisa

Em observância as considerações éticas da Resolução n^o 196/96 do Conselho Nacional de Saúde na condução de pesquisas, este trabalho foi submetido e aprovado ao Comitê de Ética e Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo – Processo n^o 1014/2011, CEP – EEUSP (anexo A) e por ele aprovado.

O estudo respeitou todos os aspectos ético-legais desta Resolução; o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) foi elaborado de acordo com as normas previstas nesta lei, incluindo informações relacionadas aos objetivos, obtenção de depoimentos, participação voluntária na pesquisa, garantia de anonimato e liberdade para o sujeito deixar o estudo em qualquer momento. Após esclarecimentos o mesmo ficou com uma via do documento contendo telefone da pesquisadora responsável e e-mail do Comitê de Ética em Pesquisa.

5.5 Procedimentos para obtenção dos depoimentos

Os depoimentos deste estudo foram obtidos após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP); no período de agosto a outubro de 2011.

A abordagem dos enfermeiros professores foi realizada mediante convite para participar deste estudo, após aprovação da diretora responsável pelo curso. No caso de concordância, foi agendado dia, horário e local da entrevista de acordo com a disponibilidade de cada um, tendo abertura para ocorrer dentro ou fora da instituição de ensino. Em cada encontro foi apresentado uma síntese do projeto, informando o tempo previsto para sua participação.

Antes de iniciar a entrevista, foi realizada orientação referente ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Anexo B) garantia de anonimato e gravação em áudio. As entrevistas foram realizadas em particular, fora do ambiente escolar, garantindo a privacidade na obtenção dos depoimentos.

Em seguida, foi realizado o preenchimento de um instrumento de identificação do professor (Anexo C), a fim de caracterizar sua situação biográfica.

A obtenção dos depoimentos deu-se por meio de pergunta semiestruturada, gravada em áudio, o tempo médio de cada entrevista foi de 20 minutos. As falas obtidas foram transcritas integralmente pela pesquisadora, respeitando os preceitos éticos.

Objetivando o alcance das respostas, duas questões norteadoras foram formuladas: Fale de sua vivência sobre avaliação no ensino técnico de nível médio em Enfermagem? Para você qual o sentido da avaliação?

Com essas indagações, foram apreendidos os sentidos tecidos pelos sujeitos, dando vida ao que verbalizaram e não somente aos fatos concretos vivenciados.

O número de sujeitos da pesquisa não foi estabelecido previamente, por se tratar de um estudo de abordagem na fenomenologia social. A obtenção dos depoimentos foi finalizada no momento em que mostraram convergência dos *motivos porque* e *motivos para*, possibilitando a condição do tipo vivido para compreensão do sentido da avaliação.

Os sujeitos da pesquisa foram identificados por nomes de orquídeas, para preservar o anonimato de cada professor.

5.6 Análise dos depoimentos

Para a análise dos depoimentos dos enfermeiros professores, foram utilizados modelos sugeridos por estudiosos da fenomenologia social^{17, 32, 33}.

A organização e a categorização dos resultados obtidos no presente estudo, possibilitaram a construção da tipologia do vivido. Foram seguidos os seguintes passos: leitura na íntegra, pormenorizada, de cada depoimento, objetivando apreender a vivência dos enfermeiros professores; foram identificados e sublinhados trechos dos depoimentos; releitura das transcrições, identificando as categorias concretas que expressam aspectos significativos da compreensão e vivência dos *motivos porque* e *motivos para* dos enfermeiros professores em relação à avaliação; agrupamento das unidades de significado que representam convergência de sentidos dos depoimentos compondo as categorias concretas e análise compreensiva do fenômeno investigado à luz da fenomenologia social de Alfred Schütz.

Para melhor visualizar o percurso deste estudo até aqui apresentado e compreender a vivência do enfermeiro professor em face do fenômeno da avaliação, um esquema será apresentado ao final da seção (figuras 1 e 2 p. 44 e 45).

Antes mesmo de iniciar a fase de transcrição dos depoimentos, ouvi atenta e novamente cada entrevista, com o objetivo de compreender cada fala. Naquele momento, tive a grande oportunidade de (re)viver aquele instante, o mundo vida e a subjetividade de cada professor.

Dos resultados emergiram as seguintes categorias:

- *Motivos Porque*: Relação entre Ensino, professor e aluno, Relação teoria e prática, Modos de avaliar e Subjetividade no processo de avaliação.
- *Motivos Para*: Profissionalização, Qualificando o olhar da avaliação, Compromisso com autoavaliação.

INQUIETAÇÕES E QUESTÕES NORTEADORAS

O despertar para a temática

Inquietações

- Como os enfermeiros professores vêm percebendo o sentido de avaliar?
- Como eles têm vivenciado o ato de avaliar em seu cotidiano de trabalho?
- Como eles têm refletido a cerca da avaliação para o alcance da qualidade?
- Como o dialogar com a avaliação pode ajudar a melhorar o contexto laboral?

Questões Norteadoras

- Fale de sua vivência sobre avaliação no ensino técnico de nível médio em Enfermagem?
- Para você qual o sentido da avaliação?

Objetivo

Conhecer e compreender o sentido da avaliação para o enfermeiro professor de curso técnico de nível médio em Enfermagem.

Figura 1: Inquietações e questões norteadoras: o despertar para a temática

PERCURSO METODOLÓGICO

- Pesquisa de natureza qualitativa
- Referencial Metodológico: Fenomenologia
- Referencial Filosófico: Alfred Schütz

Objeto

Discursos dos professores enfermeiros que vivenciam avaliação no ensino técnico de nível médio em Enfermagem

Região de Inquérito

Enfermeiros professores que atuam em escolas de curso técnico de nível médio em Enfermagem

Sujeitos da Pesquisa

Professores do curso técnico de nível médio em Enfermagem, atuando em ensino teórico e prático, com no mínimo de dois anos de experiência na função.

Momentos da Análise Compreensiva

- a) leitura na íntegra, pormenorizada de cada depoimento
- b) identificado e sublinhado trechos dos depoimentos;
- c) releitura das transcrições, identificando as categorias concretas (*motivos porque* e *motivos para*)
- d) agrupamento das unidades de significado (à luz da fenomenologia social de Alfred Schütz).

Figura 2: Esquema representativo do percurso metodológico.

Resultados e Discussão

Figura 3: Esquema representativo das categorias concretas emergentes dos *motivos porque* e *motivos para*

6. CONSTRUÇÃO DAS CATEGORIAS CONCRETAS

A leitura minuciosa dos depoimentos dos enfermeiros professores acerca da avaliação mostrou há fatores de cunho pedagógico que permeiam a formação e profissionalização do professor, os quais podem interferir no processo de avaliação e na compreensão do mundo vida do aluno dentro da escola, fenômeno este que gerou a construção das categorias.

As categorias foram contextualizadas por meio dos depoimentos dos enfermeiros professores, a partir das experiências vividas em seu cotidiano no mundo do trabalho, o que tornou possível separá-las em *motivos porque* e *motivos para*, segundo Schütz.

Por motivo, entende-se “um estado de coisas, o objetivo que se pretende alcançar com a ação”. Assim, *motivo porque* está relacionado às vivências passadas, com os conhecimentos disponíveis, e *motivo para* é a orientação para a ação futura³⁴.

Esses motivos reportam-me à ideia de uma complementaridade relacionada ao que os professores trazem de seu mundo vivido, com a escola e os alunos, conferindo abertura para pensar avaliação a partir de suas experiências na área da educação.

Ao pensar em avaliação, o professor reflete em suas experiências passadas, trabalha com o presente, vislumbrando novos caminhos para pensar o futuro.

6.1 Categorias emergentes dos motivos porque dos depoimentos dos enfermeiros professores

A leitura dos depoimentos dos enfermeiros professores desvelou a fala sobre avaliação pautada no desejo de mudanças e posicionamentos acerca de

posturas e valores que se refletiram em seu fazer diário na escola. Esse desejo mostrou que, para trabalhar com o ensino, requer-se do professor que tenha compromisso vinculado a sua atuação e a formação do aluno, acompanhado de responsabilidade compartilhada esperada na relação da aprendizagem com a avaliação.

Aspectos concernentes à cultura, missão, valores e estrutura da instituição escola tiveram “papel” preponderante nas falas dos professores, mesmo aparecendo de modo oculto em algumas partes. As questões pedagógicas também surgiram de forma relevante e por vezes velada, buscando força ante muitos desafios a serem enfrentados, ainda de maneira internalizada pelo professor, mas como algo necessário a ser desvelado para transformar o modo de avaliar.

Dos depoimentos, emergiram categorias dos motivos porque, apresentadas a seguir:

• **Relação entre ensino, professor e aluno**

É sabido da existência intrínseca entre a escola, o ensino, professores e alunos, em que toda cultura e missão existente neste cenário repercutem no desempenho do professor, e daquilo que se espera dele para viabilizar um aprendizado que responda aos anseios e propósitos dos atores envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

Essa questão engloba uma rede complexa, delicada e enreda aspectos da gestão e da educação na medida em que pode tanto abrir ou fechar possibilidades de expansão técnica e científica em busca de novos e inovadores caminhos metodológicos. Assegurar a qualidade do ensino depende de razões políticas e sociais que se tornam alicerces ao desenvolvimento da gestão pedagógica do professor.

Para isso, o professor deve estar atento as suas responsabilidades e atividades pedagógicas concernentes às questões que envolvem o processo de

avaliação. Na fala abaixo, pode-se observar esse propósito e modos de olhar essa atividade educativa.

“O professor deve estar alinhado com o que se pretende no plano de ensino e com os objetivos em relação ao conteúdo. A avaliação não precisa ser de uma única forma, deve auxiliar o aprendizado do aluno e aprimorar as técnicas no processo de avaliação do professor. Por exemplo, se o aluno não responde bem na avaliação escrita, pode responder bem em uma avaliação oral ou seminário. O professor precisa pensar em todo o planejamento da disciplina, nas estratégias e nos objetivos da avaliação tendo autonomia para usar apenas uma prova escrita no final”. (Maxilária)

“Acho que a avaliação reflete o plano de ensino, e como ele é aplicado, pois quando você pensa em fazer uma avaliação já tem uma expectativa a partir dela. De certa forma, aquilo que você ensina é positivo porque se oferece o conteúdo teórico, mas a aprendizagem depende também do desenvolvimento do aluno”. (Laélia)

“Temos uma avaliação tradicional que é preconizada pelo sistema de ensino desta Escola, pelo seu próprio regimento que acaba “interferindo demais” na avaliação do professor na instituição, principalmente se ele não tem jogo de cintura para equacionar esta situação”. (Aerângio)

É fato a presente preocupação do professor em relação à avaliação, considerando o planejamento articulado com conteúdo e com as estratégias de ensino, pois esses componentes interferem, sobretudo, no sentido da avaliação em relação à aprendizagem do aluno.

Tradicionalmente, a avaliação escolar sempre foi vista como um momento de grande estresse, porque sua finalidade era apenas classificar os alunos, atribuindo-lhes notas ou conceitos, essa realidade vem ocupando outros espaços de reflexão e transformação da prática³⁵.

Nessa direção, o modo como é ministrado o conteúdo e a maneira que o aluno o apreende são percebidos no processo de aprendizagem e, sobretudo na avaliação, sendo que tanto o papel do professor neste contexto bem como a participação ativa do aluno são fatores determinantes para o alcance do resultado esperado.

Por outro lado, a escola tem um papel preponderante que orienta o tipo de avaliação, e quando esta se encontra inserida numa metodologia tradicional mais fechada, essa condição reflete-se na avaliação do aluno, limitando ações didáticas pedagógicas que poderiam contribuir para melhor qualidade do ensino do professor.

Quando o professor menciona que “ele não tem jogo de cintura” parece que está aludindo à necessidade de ter uma postura política diante da situação da avaliação da aprendizagem do aluno, necessitando “equacionar esta condição” mesmo não tendo governabilidade e abertura para participar de importantes decisões.

As falas a seguir retratam essa realidade presente.

“Eu dou aula nesta escola e uma das coisas que sempre me incomodou é ter que avaliar com instrumentos já determinados (da escola) para mensurar os conteúdos apreendidos pelos alunos e sei que isso causa estresse aos mesmos”. (Angreco)

“Nesta escola em que leciono predomina o modelo de avaliação tradicional, no qual classificamos o desempenho dos alunos de acordo com os resultados obtidos em avaliações previamente agendadas ou não, podendo ser realizadas na modalidade escrita ou prática. Mas, nem sempre conseguimos resultados fidedignos, uma vez que sabemos que o ser humano tem potencialidades e apresenta condições de vida que influenciam o seu desenvolvimento e rendimento escolar. Na outra instituição em que trabalho, o método utilizado é diferenciado, pois visa avaliação formativa (contínua e processual). Enquanto professor, posso dizer que esta modalidade de avaliação é desafiante, pois requer um grande empenho e compromisso por parte do professor e do aluno em relação a aprendizagem”. (Cymbidium).

O aluno é o sujeito do processo e o ensino deve ser baseado nas vivências e experiências que o aluno traz e que observa no dia a dia, estimulando a reflexão lógica e a reflexão empírica. Cabe ao professor, ter ciência dessa situação que pode gerar transformação na realidade perante a prática pedagógica³⁶.

O processo de ensino-aprendizagem deveria ser fundamentado nos pressupostos da aprendizagem significativa e a prática entendida como eixo que estrutura a construção coletiva do conhecimento. Essa pedagogia ajuda a construir

significados envolvendo a problematização dos conteúdos prévios já assimilados e a exploração dos valores socioculturais, desse modo favorece a construção de ações educativas³⁵.

No processo ensino-aprendizagem, ainda nos deparamos com situações em que muitos instrumentos de avaliação são usados para mensurar os conteúdos apreendidos, tendo predominantemente caráter classificatório, deixando-se de avaliar o desenvolvimento do aluno de modo qualitativo pautado em uma aprendizagem significativa. Cabe aos professores discutirem a situação, mesmo sabendo que, de imediato, não veem possibilidades de mudança, mas necessitam exercer o direito da autonomia.

Observa-se nas falas que há presença de desconforto por parte dos professores em trabalhar com a avaliação tradicional de modo fechado, com instrumentos próprios da escola que limitam sua liberdade de agir em prol da aprendizagem do aluno, muitas vezes não aprofundando conteúdos de interesse dos alunos. Alguns professores aceitam o desafio e “ousam” agir acrescentando ações no modo de ensinar e avaliar, utilizando-se de estratégias inovadoras, transpondo pequenas barreiras que propiciam ao aluno a desenvolver suas potencialidades, podendo este ser protagonista de sua formação, gerando assim crescimento e satisfação para a si mesmo e para os professores.

A maneira de trabalhar segundo as diretrizes da escola, refere-se à atitude natural mencionada por Schütz, em que o professor tem uma postura que reconhece os fatos objetivos, as condições para as ações de acordo com os objetos à volta, à vontade e as interações de outros com quem se tem de cooperar ou lidar, as imposições de leis. Essa postura é essencialmente pragmática, acima de tudo utilitária e supostamente realista^{30, 37}.

Ao planejar uma mudança frente ao plano de ensino, mesmo de modo a ser útil e próprio da escola, pode-se alterar a situação vivida em avaliação; dessa forma o professor rompe com a atitude natural e age, visando mudanças que se refletem na aprendizagem do aluno a partir de ações já planejadas.

Essa realidade nem sempre é presente nas atitudes de alguns professores.

“Tenho bastante experiência em estágios, uso o impresso próprio da instituição para avaliar todos os itens pontuados como: assiduidade, pontualidade, interesse, iniciativa, conduta ética, conhecimento teórico e prático”. (Disa)

A fala acima que se refere ao estágio ainda apresenta caráter tradicional, algo fechado e com pouca possibilidade de diálogo entre professor e aluno. Percebe-se que o professor deixa de mencionar possíveis processos de mudanças e intervenções diante desta realidade, mostrando pouco interesse, vontade e atitudes para prover medidas que possam transformar o modo de avaliar.

Muitas vezes o professor mesmo trabalhando em uma escola com o ensino tradicional, também se utiliza de outros recursos pedagógicos e metodológicos considerando avaliação como processual de caráter formativa. Trabalha na situação intencional de se comprometer com atividades e iniciativas que respaldem a melhoria do ensino.

Para Saviani (2010 p. 37), a pedagogia deve deslocar o centro para o aluno, a quem passa a caber à iniciativa e o professor fica na condição de orientador. [...] “Então, aos alunos cabe, a partir de seus interesses, a iniciativa de esclarecer suas dúvidas, recorrendo diretamente aos recursos didáticos que estão a sua disposição, solicitando quando necessário, o auxílio do professor”.

Para auxiliar os alunos, o professor deve entender que, para orientá-los, lhe cabe escutar e identificar as necessidades de aprendizagem atitudinal consideradas primordiais. Desse modo, é desejável que haja dialogo voltado para a construção conjunta de uma avaliação qualitativa, permeada por valores que sustentem a possibilidade dos alunos decidirem por atos relativos a sua formação no desenvolvimento de sua postura com vista ao exercício profissional.

Para Perrenoud (2000 p.26):

[...] “conhecer os conteúdos a serem ensinados é a menor das coisas, quando se pretende ensinar alguém. Porém, a verdadeira competência pedagógica não está aí; ela consiste, de um lado, em

relacionar os conteúdos aos objetivos e, de outro, implementar novas situações de aprendizagem”.

“A minha rotina em relação à avaliação é constante e diária. A todo instante eu procuro fazer a avaliação do aprendizado e conhecimento do aluno, e se isso está de acordo com o plano de aula e objetivos esperados”. (Aerângio)

Cabe ressaltar que o professor além de considerar plano de aula e objetivos esperados, deve também valorizar a situação biográfica determinada de cada aluno, o que possibilita compreender os medos, anseios, experiências vividas do aluno a partir de seu conhecimento prévio e sua história de vida.

Traduzir o programa em objetivos de aprendizagem e estes em situações e atividades realizáveis não é uma atividade linear, pois os alunos mudam e se faz necessário respeitar a individualidade e o processo de aprendizagem de cada aluno, ainda, sua trajetória de vida e suas possíveis limitações de aprendizagem, bem como o imprevisível em sala de aula e as próprias condições inerentes aos recursos didáticos e do ambiente de trabalho¹¹.

A relação ensino, professor e aluno é intrínseca, interdependente e processual. Permite que haja mudanças que sinalizem novos desafios ainda que tímidos, mas necessárias para despertar o novo e fortalecimento das relações. De acordo com o que foi apontado pelo professor o êxito existe se ele tiver claro que essa tríade sustenta o seu trabalho e a aprendizagem do aluno, quando bem alicerçada pelos seus valores e também por sua construção como professor e pessoa, que carrega histórias e experiências associadas ao mundo da educação.

• Relação entre teoria e prática

Falar acerca da relação teoria e prática faz-se apontar vários impasses para cursos de ensino profissional técnico em Enfermagem, que advém da estrutura organizacional, do perfil do aluno, do plano de ensino, carga horária das disciplinas e estágios, campo de estágios e, sobretudo, capacitação pedagógica dos professores.

Outros dilemas também, como: trabalhar com conteúdos teóricos e técnicos em campo de estágio se estes não tiveram espaço e tempo para serem processados no âmbito cognitivo e motor em aulas práticas.

Quando o professor ministra disciplina teórica e acompanha a mesma turma em campo de estágio, facilita sua interação com o aluno em situação de aprendizagem. Na ocasião do aluno ainda não se encontrar preparado adequadamente para desenvolver atividades procedimentais em campo de estágio, cabe ao professor prover condições para que possa melhor desenvolver suas atividades de ensino facilitando o processo de articulação entre a teoria e a prática.

Segundo Schütz (1979 p.80), “o mundo social no qual o homem nasce e tem de achar seu caminho é por ele vivenciado como uma rede fina de relacionamentos sociais”. Nas escolas se faz necessário este relacionamento intrínseco entre professor aluno para facilitar a interação teoria e prática de modo processual.

“O retorno é observado quando você dá teoria e depois a prática, podendo avaliar o que os alunos aproveitaram. É no dia a dia, quando os alunos veem com a teoria já estudada, principalmente no campo de estágio, a gente consegue observar como eles estão trabalhando suas experiências. Nesse momento a gente verifica como é que eles retornam os procedimentos técnicos, fazem os questionamentos e colocam suas dúvidas, relacionando a parte teórica com a prática”. (Licaste)

“Avalio a própria busca do aluno a partir do conhecimento que ele já adquiriu, percebo que às vezes ele não está tão preparado na teoria, mas sei que acabará se aperfeiçoando na parte técnica”. (Disa)

A preocupação pela busca e apreensão do conhecimento associado ao tempo disponível para ministrar os conteúdos das disciplinas é um fator de preocupação relatado indiretamente pelo professor, que procura sanar as dificuldades e possíveis fragilidades teóricas e práticas do aluno em campo de estágio.

Com isso, o aluno pode agregar satisfatoriamente conhecimentos e demonstrar interesse, bem como aprender a questionar e prestar atenção em cada

detalhe, percebendo que em cada oportunidade pode agregar outros saberes até então desconhecidos, porém possíveis de serem apreendidos no percurso da formação.

“O aluno deve ser questionador, procurar rever conteúdos, aprender identificar onde estão os pontos críticos e trabalhar suas dificuldades. Ainda, ao estudar deve fazer o link com que vivenciou no estágio. Mas, na avaliação, às vezes, a parte teórica fica um pouco restrita, e o aluno não consegue escrever, organizar, interpretar de forma coerente tudo aquilo que aprendeu”. (Licaste)

Entendemos que para o aluno vivenciar situações no campo de estágio, o professor deve antes explorar aspectos teóricos, bem como realizar simulação referente à realidade encontrada em ambiente de saúde. Ainda, conversar com o aluno e partir daquilo que faz significado a ele, ajudando-o a fazer articulações cada vez mais complexas e relacionadas com os conteúdos já conhecidos, a fim de propiciar qualidade em novas situações do aprendizado.

Contudo, o processo de avaliação deve acompanhar o processo de ensino aprendizagem, ser inovador e facilitador do ensino, tendo como sentido a relação teoria e prática.

Não basta se colocar totalmente disponível para o aluno, é preciso compreender o motivo de suas dificuldades de aprendizagem e saber como ajudar a superá-las¹¹.

“O professor ao ministrar conteúdos teóricos e ao realizar acompanhamento prático do aluno, aplica uma avaliação medida por pontuação que eu discordo. Acho que avaliação em algumas circunstâncias poderia ser classificada como apta ou não apta, seja no âmbito teórico ou prático. Porque muitas vezes no teórico existe um ganho positivo, mas o aluno não consegue ter a mesma resposta na prática. Ou ainda, por motivos particulares não teve um aproveitamento na teoria tão excelente, mas na prática consegue desenvolver-se satisfatoriamente”. (Laélia)

“Eu não levo muito em consideração a avaliação escrita, pois o aluno fará muitas técnicas no decorrer do curso. Mesmo que o aluno não

obtenha notas na teoria, faço outras avaliações, de modo informal, para que possa obter média esperada”. (Aerângio)

“A avaliação para mim não tem o sentido só de nota, eu preciso avaliar o aluno no todo, naquilo que ele conhece, e como ele mostra o que sabe na prática. Porque eu sei que ele sabe, mas às vezes no papel ele não consegue colocar o que aprendeu”. (Encíclia)

Para Braccialli, et al (2008, p. 106) na avaliação:

“os critérios utilizados devem ser democraticamente discutidos para que sejam validados e devem ser capazes de revelar evidências que permitam analisar processos e produtos, orientando a tomada de decisões para verificação do grau de alcance dos desempenhos previamente estabelecidos e o aperfeiçoamento contínuo do processo ensino aprendizagem”.

Corroboramos quando o professor diz que a avaliação não tem o sentido só de nota, mas de avaliar o aluno como um todo. Cremos ainda que a correlação da teoria com a prática em campo de estágio deve ocorrer de modo satisfatório, onde os resultados sejam trabalhos de modo processual e conduzidos a partir da avaliação formativa.

O educador é aquele que dá continência ao processo de autodesenvolvimento do educando. O educando se desenvolve; porém, para isso, necessita de um espaço acolhedor e seguro e de um tempo satisfatório para processar suas aprendizagens, que conduzem ao desenvolvimento; assim como, nesse espaço, deveriam dar-se atividades nutritivas com vistas ao desenvolvimento. Afinal, o educando necessita de um campo organizacional que lhe dê continência, que por sua vez, dá suporte para o desenvolvimento (Luckesi 2005 p. 78).

O ensino deve ser orientado de modo a aproximar condições de aprendizagem do aluno à realidade encontrada em campo de estágio. Não existe uma “receita pronta”, ao nos reportar ao ensino teórico prático, situamos que para ensinar a teoria a partir da prática deve haver uma valorização do aluno como um ser único e respeitado em sua individualidade.

Saviani (2010 p.219) menciona que “a razão de ser da teoria é a própria prática; a teoria só faz sentido na medida em que ela procura elucidar a prática, procura responder as questões postas pela prática, procura explicar, equacionar os problemas que a prática levanta”.

Concordamos com Saviani quando coloca que a prática é o fundamento, o critério de verdade e a finalidade da teoria, pois teoria e prática se relacionam intimamente, tornando-se interdependentes.

Nesse sentido, o ensino teórico deve estar articulado ao ensino prático, e àquilo que o aluno experencia em seu cotidiano de aprendizagem, levando-o a buscar respostas aos seus questionamentos associando o que aprendeu em sala de aula, a partir de situações concretas encontradas na realidade.

• Modos de avaliar

No dia a dia do professor, avaliar sempre foi algo considerado difícil, requerendo experiência e muito conhecimento acerca das múltiplas formas e possibilidades de avaliar. Modos de avaliar são muitos, não existe uma única via de acesso e por isso nem todas contemplam todos os princípios básicos voltados a uma formação pautada em valores pedagógicos e sociais, que deem conta para trabalhar diferentes situações do processo ensino-aprendizagem.

Existem muitas maneiras de os professores se expressarem, e nesse patamar cada um prioriza um elemento da avaliação, mas ocorre que muitos não conseguem integrar os principais componentes da avaliação, quando enfrentam desafios resultantes de problemas relacionados com as fragilidades encontradas neste processo. Essa realidade acaba deixando em segundo plano algumas das dimensões do ato avaliativo que deveriam ser trabalhadas com foco na abordagem e no grau de desenvolvimento do aluno, bem como no próprio modo do professor interagir com o conteúdo ministrado e como este deveria ser apreendido pelo aluno ao longo do percurso de sua aprendizagem.

“A avaliação para mim é o resultado de um trabalho conjunto entre professor e aluno. Acho que avaliação é tudo! Por exemplo: quando o aluno não tem conhecimento prévio do assunto abordado e ao final, por meio de atitudes e questionamentos demonstra ter domínio das competências básicas, é sinal de que aprendeu, mas quando ele não consegue atingir os objetivos, ouço meus questionamentos internos e isso me traz insatisfação. Enquanto professora, entendo que as atividades coletivas dão melhores resultados”. (Angreco)

“A avaliação deve ser objetiva e clara e propiciar ao aluno reflexão do que se precisa saber, conhecer. Levar o aluno a dar valor ao momento da avaliação e se perceber participante deste processo, e nós professores temos de estar prontos para isso se tornar realidade. A avaliação acontece por meio de várias modalidades, isso nos permite ter uma visão mais ampla de como o aluno está evoluindo durante o curso. Em alguns momentos avalio junto aos alunos sua participação nas aulas teóricas e práticas [...]”. (Maxilária)

O mundo vivido do professor se relaciona ao mundo vivido do aluno e o trabalho em conjunto entre eles deve favorecer o modo apropriado de avaliação.

Com base nas concepções de Schütz, mundo da vida não pode ser experienciado de modo solitário, pois os atores atuam em um cenário compartilhado com os outros, interferindo no espaço, na linguagem, no aprendizado e na relação mútua de modo intersubjetivo³⁰.

Existe uma preocupação do professor em realizar uma avaliação que tenha significado para o aluno, e que os objetivos sejam de seu conhecimento, levando-o a aprender a fazer o que lhe está sendo proposto.

Conhecer o que é avaliação, suas faces e modos de trabalho compreende o ofício do professor, que constrói, elabora e realiza a avaliação, visando o desenvolvimento e aperfeiçoamento da aprendizagem do aluno.

“Existem dois tipos de avaliação, a avaliação informal, feita no dia a dia do aluno, com possibilidade de avaliar o conteúdo dado em aula. Nesta avaliação acompanho como o aluno está evoluindo e apropriando-se do conhecimento. Esta avaliação é diferente da avaliação formal, que ocorre através de prova com questões estruturadas, semiestruturadas e aberta [...]”. (Licaste)

“Na avaliação costumo fazer provas teóricas dissertativas e de múltipla escolha, mescladas para ajudar os alunos atingir resultados e objetivos esperados”. (Encíclia)

“A avaliação do aluno, muitas vezes, é subestimada pelos métodos tradicionais [...] se o professor seguir somente aos métodos tradicionais e não tiver sensibilidade para avaliar o aluno em outras dimensões, a mesma acaba ficando prejudicada e subestimada, e nessa situação a avaliação não é feita “verdadeiramente”. (Aerângio)

Apesar dos inúmeros modos de avaliar, o professor visualiza o potencial do aluno. Os depoimentos subsequentes abordam uma preocupação em avaliar o aluno, não somente na parte de conteúdo, mas também ressalta o interesse, a atitude e aspectos relacionados à participação em atividades inerentes ao seu processo de formação.

“Avalio o interesse do aluno durante a aprendizagem. Faço avaliação com questões abertas e levo em consideração a maneira como ele respondeu o contexto e se foi de modo apropriado”. (Epidêndrio)

“Na minha atuação como docente em sala de aula e em estágio utilizo a avaliação enfatizando a observação, com foco na postura, na atitude, no interesse, no respeito e também no conhecimento do aluno”. (Falaenopse)

“Avaliação tem como base os conteúdos dados em sala de aula, mas na minha experiência avalio o aluno não somente em sua facilidade em entender o conteúdo científico, mas também como ele expressa o seu lado atitudinal (verbal e não verbal), levando-o a refletir no cuidado humanizado. Gosto de avaliar o aluno no dia a dia, sua disponibilidade para estudar, observando suas atitudes e sua participação em sala de aula, bem como o seu interesse pelo curso”. (Angreco)

“A avaliação para mim é diária, porque é necessário para o aluno rever suas necessidades. Procuro dar um feedback a ele sobre sua evolução acerca do que está aprendendo ao realizar as atividades”. (Disa)

“A avaliação tem o sentido de avaliar o conhecimento do aluno, para verificar o quanto conseguiu assimilar o conteúdo dado. Avalio também a participação em sala de aula, a forma como ele entende o tema e seu comportamento diante de novos conhecimentos”.
(Epidêndrio)

O professor, ao implementar uma prática avaliativa para a formação do aluno e que tenha sentido para ele, possibilita o desenvolvimento de sua consciência, respeitando suas potencialidades e dificuldades. O comprometimento com o aperfeiçoamento constante e a capacidade do aluno em superar problemas também faz parte do processo de avaliação³⁹. Esta tarefa exige, do aluno, o compromisso com o aprender e com o transformar, e do professor a responsabilidade compartilhada com o ensino e avaliação.

Para avaliação ter sentido, o processo de trabalho deve ser realizado de modo coletivo. A representação de cada professor, a partilha de suas experiências, crenças e valores, integradas as ideias de seus pares, abrem-se para constituir o novo sentido de avaliar.

Para o novo acontecer, o professor precisa perceber que o mundo está em constante transformação e para Luckesi⁸ o professor necessita olhar a vida e aprender com ela, a fim de compreender como os educandos aprendem e, conseqüentemente, aprender como ensiná-los.

Com este olhar, as propostas competentes de educação devem surgir a partir de diálogos reflexivos, juntamente com aqueles que vivenciam a mesma realidade ou realidades que se aproximam diante de uma situação coletiva, socializando sentimentos em busca da liberdade e convivendo com diferentes propostas³⁶.

Nada se constrói a partir do zero, nem o aprendiz não é uma mente vazia; ele sabe, ao contrário, “muitas coisas”, questionou e assimilou ou elaborou respostas que o satisfazem provisoriamente¹¹. Por causa disso, muitas vezes, o que se ensina choca-se frente às concepções de mundo trazida pela representação do mundo dos alunos.

Todo conflito pode gerar uma situação problema para aprendizagem do aluno, e este deve ser trabalhado a fim de gerar novos conhecimentos. O professor busca possíveis saídas junto ao mesmo, oportunizando espaços para construção gradativa de conhecimentos a ser aplicados na prática profissional da enfermagem.

Essa realidade mostra que o trabalho interdisciplinar para o professor torna-se uma necessidade, capacitando-o para enriquecer seu “ofício profissional”. Percebe-se que os alunos esperam maior atenção para desenvolver atividades mais próximas do professor, e que estes espaços de aprendizagens sejam ampliados, possibilitando real troca e cooperação na construção do conhecimento.

• Subjetividade no processo da avaliação

A subjetividade é o que faz interface ao mundo íntimo do ser humano com seu mundo vida, refletido por experiências na formação do professor, nas crenças e valores a ser compartilhados com outras pessoas.

Na busca por avaliar o aluno, o professor utiliza de ferramentas que o auxiliam na execução desta tarefa que não é fácil. Utilizar-se de subjetividade no processo de avaliação faz parte do ser humano, pois realmente é difícil ser objetivo. Por isso, o professor quando procede dessa maneira, mesmo sem ter consciência, interfere no processo de avaliação do aluno.

Luckesi⁴⁰ afirma que avaliação é "um juízo de qualidade sobre dados relevantes para uma tomada de decisão". Mas para que ela ocorra verdadeiramente, é necessário um diagnóstico que contribua efetivamente para melhorar a aprendizagem.

No ensino, a questão da empatia está presente nas relações entre as pessoas; às experiências já vivenciadas se aproximam e se repetem em uma nova experiência, e às vezes o professor, baseado em suas primeiras impressões e naquilo que o aluno expressa seja no âmbito do verbal ou não verbal, acaba “rotulando-o”. Esse professor apresenta consciência de que aquilo que encontra no

cenário do ensino pode ser resultante da precariedade da atenção política governamental no âmbito da educação, refletindo na qualidade da aprendizagem.

“Eu acho que a avaliação no ensino técnico em enfermagem começa no primeiro dia de aula; no primeiro dia que o aluno coloca o “pé” na escola, o professor já está avaliando, por meio do conhecimento prévio do aluno, bem como pela postura e compromisso com sua escolha”. (Masdevália)

“Entendo que a avaliação teórica é um pouco mais complicada, porque os alunos vêm com uma bagagem muito precária do ensino médio, como base do que deveriam ter aprendido (português, matemática, interpretação de texto e raciocínio lógico), e uma compreensão muito limitada de outras áreas do conhecimento. Mesmo explicando várias vezes o mesmo conteúdo, alguns alunos não conseguem compreendê-lo e escrever no papel aquilo que sabem”. (Encíclia)

“Minha nota não se restringe só pela prova, eu avalio o aluno como um todo, inclusive as atitudes, comportamento, enfim tudo, respeitando seu processo de aprendizagem”. (Encíclia)

A observação continua em sala de aula não tem apenas a função de buscar informações, sendo uma tarefa ampla que envolve vários outros componentes do processo de avaliação.

A partir desta observação, o professor deve buscar valorizar os conteúdos trazidos pelos alunos e trabalhar com as dificuldades relacionadas as possíveis deficiências de aprendizagem de conteúdos essenciais e básicos para o desenvolvimento cognitivo e do raciocínio lógico, o que traz uma lacuna, potencializando a dificuldade em o aluno trabalhar com associação teórica e prática no decorrer do curso.

A avaliação, indo além do que os olhos veem, identifica as reais necessidades do aluno que requer um aprendizado sem sofrimento e constitui fator de realimentação contínua no processo do ensinar e do aprender, propiciando o aperfeiçoamento da prática profissional³⁹.

A primeira intenção na avaliação é formativa, ou seja, o professor deve considerar todos os aspectos que podem auxiliar o aluno a aprender melhor e ser um sujeito ativo do processo de aprendizagem, desenvolvendo o lado cognitivo; e para isso, o professor deve propor atividades correlacionadas com os aspectos atitudinais.

“Às vezes, o aluno não está bem e sua atitude nos leva a identificar que seu comportamento não foi bom e que ainda não está preparado para determinada ação. Mas de um modo geral, a avaliação é uma ferramenta que muito ajuda, tanto para o professor quanto para o aluno”. (Miltônia)

“No contexto de prova, nem sempre o professor consegue identificar o que o aluno realmente aprendeu, e deve considerar que há momentos em que ele responde melhor e outros não. Na verdade a avaliação é “meio subjetiva”, a mesma disciplina pode ter diversas formas de ser avaliada, sabemos que todo o conteúdo dado não é absorvido em sua totalidade, creio que é o próprio aluno que sabe o que foi possível aprender, porque ele vai responder aquilo que aproveitou ou não”. (Licaste)

A subjetividade da avaliação relaciona-se com a intersubjetividade. De acordo com Schütz²⁴, o mundo não tem sentido só para mim, mas para todos, e a experiência se justifica e se corrige baseada na experiência com os demais indivíduos com os quais me relaciono e trabalho.

A avaliação tem vários olhares e o professor deve permitir-se olhá-la com os olhos do aluno e compreender seu mundo vida para propiciar o desenvolvimento de sua imaginação, expressão, argumentação, raciocínio e senso de observação.

O professor deve compreender que avanços e progressos ocorrerão no tempo do aluno e que a construção de atitudes, competências ou de conhecimentos fundamentais surgirá num tempo maior, podendo levar meses, até mesmo anos¹¹.

Dessa maneira, o professor trabalha a avaliação, baseada em instrumentos elaborados para esse fim, respeitando o nível de aprendizado do aluno. Neste processo, deve buscar compreender seu mundo vida, o qual influencia os resultados avaliativos da formação.

6.2 Categorias emergentes dos motivos para dos depoimentos dos enfermeiros professores

A partir das questões norteadoras, busquei os *motivos para* contidos nos depoimentos dos enfermeiros professores a fim de compreender o fenômeno acerca da avaliação a ser desvelado.

Neste estudo, a interlocução realizada pelo professor ocorreu em torno das questões de conhecimento acerca da avaliação, e da postura pedagógica do professor vinculada à aprendizagem do aluno, e mediada por ações e expressões, tanto de quem ensina como daquele que aprende.

Nessa condição, foi possível identificar a existência de uma construção da percepção do professor sobre avaliação resultante de ações e de reflexões vivenciadas no cotidiano do ambiente escolar. Assim, emergiram categorias dos *motivos para* dos discursos, apresentadas a seguir.

• Profissionalização

Alguns professores, apesar de terem escolhido como profissão ser professor, precisam se identificar com sua prática para exercê-la como um processo dinâmico em transformação. Necessitam buscar caminhos para se atualizarem e apresentarem condições para discutir com seus pares e prover mudanças que sejam essenciais para a melhoria do processo de trabalho em prol da qualidade do ensino aprendizagem.

A profissionalização requer que o professor desenvolva sua autonomia e assuma as responsabilidades ligadas a ela. A aplicação da didática é um componente essencial para o alcance de uma boa aprendizagem do aluno. Para Perrenoud⁴¹, na teoria, o professor deve apresentar aptidões para elaborar conceitos e executá-los. Macedo⁴² preceitua que “autonomia nos ajudar a compreender que

mesmo que não se possa decidir sobre certos temas, é importante discutir sobre eles”.

Por que fariam isso? Muitas vezes, trata-se de uma escolha: alguns professores consideram mais confortável respeitar o programa, a grade de horários e os procedimentos prescritos, mesmo que não concordem com isso. Outras vezes, ele não tem experiências suficientes que lhe permita considerar-se como ator responsável e, sobretudo autônomo do seu processo profissional em construção, abrangendo sua vida privada e social⁴¹.

A realização da avaliação, teórica ou prática, norteadas pela própria instituição deve ser um ato bom, mas é desejável que se saiba como seus componentes são trabalhados desde o Plano de Ensino à avaliação do módulo e ou disciplina. Ainda, quais são as propostas efetivas para serem desenvolvidas de modo coletivo, a fim de melhorar a qualidade do processo de avaliação dos alunos e processo de ensino do professor.

As verbalizações subsequentes fazem relação da identificação do professor com avaliação.

“Na prática a realidade mostra que avaliação é um reflexo da própria identificação do professor como profissional”. (Laélia)

“A avaliação é um instrumento importante no processo ensino aprendizagem. O professor tem responsabilidade em identificar o quanto o aluno compreendeu o que lhe foi ensinado, de forma individual e específica e também perceber suas reais necessidades de aprendizado”. (Falaenopse)

“Espera que o professor faça uma avaliação, teórica ou prática, norteadas pela própria instituição”. (Laélia)

Existem professores que se identificam e abraçam o ofício de ser professor, fazendo jus a intersubjetividade que, à luz do pensamento de Schütz, é a categoria fundamental da existência humana no mundo, pois é na relação de intersubjetividade que o mundo que nos rodeia se torna comum e permite as

coincidências de nossas necessidades práticas, para partilharmos experiências, e desta relação, emergirem os desafios⁴³.

É neste mundo intersubjetivo, compartilhado com seus semelhantes³⁷, que o professor encontra-se inserido, numa necessidade contínua de compartilhar experiências, interação e comunicação com seus pares. Um dos modos de trabalhar a intersubjetividade focada na educação é por meio da aprendizagem mútua.

Compreende-se que o professor age em relação à situação do processo de avaliação, relacionando-a com os significados apreendidos por ele no decorrer de sua trajetória.

O professor requer ampliar seus saberes, de modo a adquirir uma aprendizagem contínua. A identificação do professor se faz pelo saber prático ou da experiência, ou seja, ele para ensinar bem, necessita do fazer pedagógico peculiar. Nesse sentido, enfatiza o papel da experiência como atividade intrínseca à profissão, mesmo reconhecendo que, por vezes, fatores externos podem regular sua prática, o que não reduz a compreensão de que o fazer pedagógico do professor precisa ser constante, renovado e ressignificado⁴⁴.

Ressignificar avaliação é importante para o processo ensino aprendizagem. O professor tem o compromisso de acompanhar o aprendizado do aluno e perceber o quanto ele avançou na aquisição de novos conhecimentos a partir daquilo que lhe foi ensinado.

Muitos professores preocupam-se com o processo de avaliação inserido na escola, pois é por meio dele que se observa o alcance dos objetivos, a utilização de novas estratégias. A avaliação é um dos instrumentos mais complexos nas mãos do professor, o qual deve preparar-se para vê-la de modo flexível e não como algo acabado e fechado, utilizar-se de sua bagagem de conhecimentos e pensar na autonomia do aluno, para que este seja um sujeito ativo do processo de aprendizagem.

A profissionalização é um processo presente na vida dos profissionais e no modo como eles se relacionam com os alunos. Um professor deve construir um elo

de confiança com seus alunos para que estes possam desenvolver sua autonomia perante a avaliação⁴¹.

O professor mostra que tem consciência de seu papel no processo ensino-aprendizagem e, com isso, percebe-se que alguns seguem o ensino com perspectiva para o novo. O que as falas sugerem é que as iniciativas e ações não aparecem de modo aberto e socializado com os pares e sim fica em torno da prática específica do professor dentro da sala de aula.

O professor sente a necessidade de ter espaços para trabalhar o que pensa e o que fala, bem como de trocar ideias com seus pares sobre o modo como conversa com o aluno, pois isto reflete diretamente no desenvolvimento do mesmo. A partir do momento que o aluno sente-se seguro e tem confiança no professor, pode orientar-se e seguir o que foi pautado e observado em sala de aula para ser aplicado como diretriz para desenvolvimento da aprendizagem.

Nas falas a seguir, observa-se um ensaio na transição da metodologia tradicional para metodologias inovadoras, a partir de iniciativas isoladas de professores.

“Acho que a avaliação deve ser feita constantemente, para que os alunos mudem suas posturas (naquilo que for necessário ao longo do curso). Em seu modo de pensar e agir, para que cresçam cientificamente, mas, sobretudo como pessoas”. (Masdevália)

“Para mim o sentido da avaliação é muito amplo e muito importante, porque faz com que o aluno e o professor parem para pensar no que estão fazendo em seu dia a dia. Creio que o que o professor fala aos alunos influencia na aprendizagem e em sua vida, pois o aluno vai interiorizando internamente e crescendo, e isso reflete no externo, no ambiente e na forma de pensar deles”. (Masdevália)

As falas acima colocam em evidência um chamado do professor para trabalhar aspectos do aprendizado do aluno que o levem a agir como uma pessoa cada vez mais consciente e responsável pelos seus atos.

A avaliação no contexto escolar constitui-se em prática intencional e organizada e realiza-se a partir de objetivos pedagógicos, claros ou velados, que refletem em valores, códigos e convenções sociais⁴⁵.

Por isso, a avaliação processual não deve ser realizada de modo isolado. Deve ser aplicada no contexto ensino-aprendizagem por todos os professores envolvidos com a aprendizagem do aluno.

Para o professor a sensibilidade, a intuição e a empatia, possibilitam identificar e trocar significados tendo como referência o estado de ser do outro, a partir daquilo que se mostra através de sua experiência vivida. Tem a ver com o que se pensa, sente, com o que se faz; tem a ver com o que se é. A coparticipação dos sujeitos em experiências vividas em comum permite-lhes compreendê-las e interpretá-las⁴⁶.

Espera-se que a escola possibilite espaços para seus atores trabalharem o que pensam e sentem no modo como dialogam no coletivo a propósito da avaliação, pois isto poderá refletir no processo da aprendizagem dos alunos e na autoavaliação do professor.

“O meu método de avaliação não se restringe a instrumentos formais, dou importância a participação dos alunos durante a aula, aos questionamentos feitos, e pelo feedback quando faço perguntas, assim vou identificando o interesse deles em buscar novos conhecimentos”. (Angreco)

“Acredito que o professor que se encontra comprometido com a avaliação e, conseqüentemente com a formação dos alunos, utiliza-se da avaliação como uma ferramenta para perceber o desenvolvimento dos mesmos, despertando-os para novos conhecimentos e motivando-os a identificar suas próprias dificuldades, desse modo buscar estratégias para superá-las”. (Cymbidium)

O professor, ao trabalhar numa instituição tradicional, sente a necessidade de rever aspectos do método de avaliação, pois também vislumbra um ensino diferenciado que possa levar os alunos a enfrentarem suas dificuldades e superá-

las. Percebe, por meio de seu trabalho, que o método tradicional relacionado à avaliação não está atendendo o desenvolvimento dos alunos no contexto de uma aprendizagem proativa.

O professor deve mediar o desenvolvimento da aprendizagem do aluno; despertá-lo para ser um sujeito ativo desse processo. Ensiná-lo a exercitar ações educativas, pensar na importância da construção do conhecimento para buscar novos modos de olhar sua formação.

O trabalho docente é considerado um processo educativo, não material, que toma como objeto de transformação os pensamentos, os valores e exige que o profissional da educação esteja em constante processo de atualização⁴⁷.

Para Medeiros (2001, p. 26) o intuito da avaliação:

[...] compete, de início, em oferecer condições favoráveis para o aluno significar a sua aprendizagem, objetivando gerar competências individuais, ou seja, qualificar o sujeito a pensar, criar, decidir, enfim, tornar-se independente/crítico”.

Nessa direção, o professor, ao trabalhar com o aluno, o auxilia em seu desenvolvimento cognitivo e social, com vista a sustentar o processo de avaliação na perspectiva formativa.

• Qualificando o olhar da avaliação

A avaliação precisa ser vista de modo real e especial, como momentos significativos na vida do professor e do aluno. A partir dela, o professor pode vislumbrar caminhos a serem percorridos pelo aluno, tanto dentro quanto fora da sala de aula, visando aquisição de novos conhecimentos.

Para esta aquisição de conhecimento, é necessário que a avaliação e todo o processo pedagógico desenvolvam-se com base em valores e crenças, favorecendo

a socialização entre os seus atores, com o objetivo de aprender e trocar conhecimentos, motivando a convivência entre aluno e professor⁴⁹.

Sabemos que a avaliação é feita progressivamente e, para isso, o professor necessita rever suas habilidades pedagógicas para lidar com diferentes situações, pois avaliação é uma ferramenta que deve auxiliar o aluno em seu processo de aprendizagem. Para isso, o professor deve acolher o aluno e acompanhá-lo, de modo a permitir que seu desenvolvimento e evolução ocorram de modo mais natural possível.

O ato de avaliar, ao estar a serviço da obtenção do melhor resultado possível, antes de tudo, implica a disposição de acolher a realidade como ela é. Isso significa tomar uma situação de forma como se apresenta, seja ela, satisfatória ou insatisfatória, agradável ou desagradável⁸.

“Em seu trabalho, o professor deve ser exigente com o aluno e acompanhar sua evolução na aprendizagem a fim de conseguir atingir os objetivos esperados. Penso que seria primordial o aluno realmente se identificar com a enfermagem, pois assim teria um melhor aproveitamento”. (Laélia)

“Vejo a avaliação como uma ferramenta que a gente utiliza como docente para identificar, visualizar e mensurar o aprendizado do aluno. O que me incomoda, às vezes, é a possibilidade de erro na avaliação, porque além de utilizar instrumentos objetivos, também se utiliza instrumentos subjetivos no dia a dia, e de repente o aluno não está num bom dia no momento da avaliação”. (Miltônia)

A avaliação deve ser uma ferramenta a favor do aluno. O professor deve ter habilidade pedagógica para conhecer a sua realidade no âmbito da didática e de como leva o aluno a compreender e processar conteúdos que são importantes para a sua formação.

A disposição de acolher a realidade faz parte da conduta do avaliador e não do objeto da avaliação. A disposição para acolher é, pois, o ponto de partida para qualquer prática de avaliação e para se obter essa disponibilidade de acolhimento, o professor deve estar atento a ela⁴¹.

Mas para isso, o professor também deve envolver-se, sentir-se participante deste processo e identificar-se com sua área de atuação profissional, criando maior interação com o curso, com a disciplina e com os alunos.

“A identificação do professor com a área (enfermagem) e com a disciplina ministrada (tema) interfere na avaliação do aluno. A abertura para o campo da enfermagem tem a ver com a identificação do professor com a profissão. A escolha a partir de sua essência para ser professor de enfermagem reflete na formação do aluno”.
(Laélia)

“A avaliação precisa ser dinâmica e o professor deve ter a sensibilidade na escolha e realização da mesma, ciente de que vários fatores podem interferir, principalmente os emocionais e externos que influenciam na vida do aluno neste processo”.
(Aerângio).

“Para mim, a partir do momento que o aluno chega já está sendo avaliado. A avaliação nunca ficou concentrada num único momento e sim ao longo do processo de aprendizagem dentro do curso”.
(Angreco)

A situação de avaliar requer do professor dinamismo e sensibilidade, pois cada momento é diferente do outro, para avaliar o aluno em seus diferentes modos de se expressar.

Para transpor a avaliação de uma prática de provas e exames para uma prática democrática, há necessidade de requerer novas relações e acordos entre as pessoas envolvidas no processo educacional⁴⁵.

A avaliação permeia todo o processo de ensino-aprendizagem e quando esta é realizada de modo formal e fechada, pode causar dificuldades no campo emocional do aluno, repercutindo no desenvolvimento de suas atividades e por consequência nas avaliações. Cabe ao professor orientar e conduzir as ações que reflitam na melhoria da aprendizagem do aluno.

“Na instituição existe a avaliação programada durante a disciplina que pode ser dissertativa, de múltipla escolha ou em forma de seminários. Mas percebo que o aluno ao fazer a avaliação de maneira programada sofre diversas influências, principalmente no âmbito emocional. Já quando o aluno participa de uma avaliação contínua, no dia a dia, percebo a possibilidade de avaliar o processo de ensino aprendizagem de fato, pois ele se sente mais tranquilo para demonstrar o que aprendeu e como veem construindo seu aprendizado”. (Falaenopse)

“A avaliação não vai só para o prontuário do aluno. Por isso é que avaliação deve ser diária, possibilitando o professor identificar os pontos fortes e as fragilidades (relacionados com os conhecimentos técnicos). Acho que os alunos vão se aperfeiçoando conforme nossas orientações e o exercício na prática”. (Masdevália)

A realização da avaliação possibilita, ao professor, identificar pontos fortes e fracos do aluno e do processo de ensino, e ao fazer esse diagnóstico, cabe a ele ajudar a construir o conhecimento de modo orientado. Luckesi (2005 p.42) considera que “o ato de avaliar implica em dois processos indissociáveis: diagnosticar e decidir”.

Para o aluno, este fato pode ser desconfortável, pois pode sentir-se amedrontado ao ser avaliado, e o professor deve desenvolver um papel de mediador do ensino, desde aquisição gradativa do conhecimento a realização da avaliação. Com isso, poderá obter resultados mais fidedignos, por parte dos alunos, que retratem questões pontuais da aprendizagem para aplicar novas estratégias de ensino em seu processo de trabalho.

“Quando a gente fala em avaliação, o aluno fica apavorado (eu vou ser avaliado!) e muitas vezes a avaliação acaba dificultando o modo de pensar e agir do aluno principalmente na hora da prova. A avaliação é uma coisa boa, pois é também uma oportunidade para o aluno aprender a cuidar de si mesmo”. (Masdevália)

“Avaliamos o atitudinal, interesse entre outros aspectos que são importantes, bem como o empenho e o progresso do aluno, mas é difícil trabalhar os resultados”. (Cymbidium)

“Ao avaliar o aluno e observar que este tem dificuldades, busco interagir com ele mostrando no que precisa melhorar, tanto na teoria quanto no estágio, e com isso avalio também o meu trabalho”.
(Maxilária)

A avaliação deve possibilitar ao professor e ao aluno reflexões para que façam autoavaliação no processo da construção do conhecimento, com atenção ao fortalecimento do próprio eu, levando-os a reconhecer aquilo que precisa ser aprimorado, cada um aprendendo a cuidar de si mesmo e o professor a também cuidar dos alunos.

A avaliação desenha a trajetória do aluno e do professor, mostra suas necessidades e, por meio de auxílio pedagógico, proporciona a superação de possíveis falhas, desenvolve o processo de trabalho, colaborando na formação do profissional comprometido com a prática³⁹.

O caminho a ser percorrido pelo aluno pode ser conduzido pelo professor, por via de informações partilhadas com seus pares, visando facilitar a aprendizagem e incrementar o crescimento do aluno como um todo.

“Às vezes acompanho estágio e outras vezes não. Se o aluno na teoria não teve um bom rendimento e não vou acompanhá-lo no estágio, converso com o professor para que veja com aquilo que ficou falho para ele na teoria, fazendo com que este se sinta cada vez mais motivado a buscar mais conhecimentos, pois acredito que o diálogo é mediador para o crescimento”. (Maxilária)

“No curso as provas escritas levam o aluno a estudar, como método indireto, mas não gosto de prova como sistema de avaliação, porque ela não avalia o aluno como um todo. Acho que não avalia o aluno corretamente, pois é muito fácil ele decorar sem entender e ir bem, mas após uma semana ele não lembra mais nada. Por isso não dou muita importância na avaliação escrita. Considero sim a questão da dificuldade que o aluno apresenta em compreender determinado conteúdo, dou importância ao interesse e a vontade em aprender”.
(Angreco)

Em campo de estágio, torna-se possível aproximar-se de como cada aluno trabalha o seu desenvolvimento, a partir do como organiza suas atividades, e, por

consequente, atende aos objetivos propostos no período estabelecido para esse fim. Nesta situação, a avaliação deve ser viva e continua, podendo ser usada por inúmeros tipos de instrumentos e de estratégias que conversem com a teoria que foi dada e sistematizada nas escolas para ser relacionada com a prática a partir de realidades concretas. Os resultados dependem de fatores extrínsecos e intrínsecos que interferem no desempenho do papel do aluno para entender o quanto isso é relevante para a sua formação.

O “caráter social do conhecimento”, caracterizado pelo recebimento de certa visão de mundo, é realizado pelos pais, professores e pessoas mais velhas, por meio de uma série de tipificações e modos de tipificar, que são os costumes e hábitos, maneiras típicas de se comportar, a forma que aprendemos socialmente a desempenhar papéis.

Dessa maneira, fica evidente a importância do modo como o professor prepara-se para a formação do aluno; a partir dessa atitude, pode firmar-se o senso de compromisso com a aprendizagem do aluno, oportunizando que ele exerça sua autonomia na busca pelo conhecimento, elegendo estratégias para aprender a aprender e melhorar seu desempenho na avaliação.

Para Schütz (1979, p. 110), o “nosso interesse à mão motiva o nosso pensar, projetar e agir e que, portanto estabelece os problemas a serem solucionados pelo nosso pensamento e os objetivos a serem atingidos pelas nossas ações”.

O professor deve socializar as informações com os seus pares, a fim de “buscar soluções” em prol do aluno, desenvolvendo maior sensibilidade e respeito, principalmente àqueles que demonstram interesse e vontade em aprender, mas que ainda têm dificuldades especiais em relação à aprendizagem.

• Compromisso com a Autoavaliação

A autoavaliação é uma prática exercida pelo professor que deve ser reflexiva e comprometida com a qualidade do ensino. A partir desta, o professor deve procurar exercer o seu papel de modo eficaz, observando o estágio de aprendizado em que cada aluno se encontra. Essa conduta possibilita-o a rever valores e dimensionar o que precisa ser mudado em sua prática pedagógica.

O professor, ao refletir sobre os resultados obtidos daquilo que ensinou, deve desenvolver um conjunto de ações, a fim de transformar espaços de aprendizagens por meio de construções conjuntas, com o intuito de mudar os aspectos que foram identificados como inadequados no processo de aprendizagem do aluno.

O objetivo da autoavaliação também deve considerar os conflitos presentes no processo ensino-aprendizagem, professor e aluno, devendo sustentar o que foi acordado no início do curso. Isso pode ajudar a minimizar as dificuldades existentes.

Para Perrenoud (2000, p.162) “as práticas reflexivas mais regulares permitem ajustes mais frequentes, mas uma prática reflexiva não trabalhada nem sempre se torna suficiente para descobrir as tensões de mudança de um paradigma”.

A prática reflexiva da autoavaliação deve ser constante e clara, pois ela sinaliza conteúdos favoráveis para a evolução do processo de ensino, incluindo os aspectos que denotem tensões e jogos de interesse que devem ser trabalhados no contexto da educação.

Avaliar não é dar notas, fazer médias, reprovar ou aprovar os alunos ⁴². Numa nova perspectiva, ao avaliar possibilitamos o sentido da construção participativa do aluno, ampliando sua conscientização e a conscientização de todos os envolvidos no ato educativo. Nesse patamar, a busca do interesse e iniciativa, da autocrítica, com investimento na autonomia, envolvimento, compromisso e emancipação dos sujeitos deve ser preservada.

Parte dessa realidade encontra-se afirmada nas falas a seguir.

“Quando a avaliação é realizada de forma positiva, tranquila, coerente e ética, tanto o professor quanto o aluno crescem. A avaliação do aluno seja positiva ou negativa, direta ou indiretamente sempre reflete na minha autoavaliação. Vejo avaliação como uma ferramenta subjetiva e objetiva de validar o aprendizado do aluno, que tem o sentido de avaliar os dois lados, ou seja, o trabalho do professor e do aluno”. (Miltônia)

“Quando você pensa em todo o conjunto, a avaliação é muito importante, pode ser tanto positiva quanto negativa, e isso vai depender de como se planeja e a aplica no contexto do ensino”. (Maxilária)

“É lógico que o aprendizado se dá de diversas maneiras, mas cada aluno é diferente do outro. Dou atenção às competências essenciais que o aluno deve atingir, e se isso não acontece também me pergunto: O método que eu utilizei foi bom? Consegui avaliar corretamente? Como obter melhores resultados? Consegui “passar” corretamente o conhecimento esperado? O aluno conseguiu assimilar aquilo que eu ensinei? Percebo que o processo de ensino necessita ser mudado”. (Angreco)

“Importante falar que a avaliação avalia o aluno e também o professor. O professor deve se perguntar: será que a aula foi de acordo com o planejamento? Será que o aluno entendeu ou não o conteúdo? Foi trabalhada a interação professor/aluno?”. (Epidêndrio)

Os depoimentos acima mencionam questionamentos feitos pelos professores envolvendo questões relativas às competências a serem atingidas pelos alunos no final do curso. É preciso além de se questionar, gerar mudanças que tragam aprendizagens significativas e fundamentadas na prática do exercício profissional.

Andrade⁵⁰ refere que "não há docência sem discência", na direção de distinguirmos dois processos de avaliação ao mesmo tempo e que envolve dois atores que devem ser avaliados: o aluno que aprende e o professor que ensina.

Fazer autoavaliação é olhar para si mesmo; é acolher a realidade, refletir nas ações e mudar o futuro.

“O sentido da avaliação para mim serve tanto para avaliar o professor como o aluno, ambos devem se autoavaliar. Ela não deve ser utilizada somente para avaliar o aluno, deve servir antes de qualquer coisa, para autoavaliação do professor, porque se o aluno não conseguiu atingir os objetivos pode ser por motivos ainda não conhecidos”. (Aerângio)

“Para o professor, a avaliação serve para avaliar se o seu processo de trabalho está de acordo ou não com os objetivos propostos e com os resultados obtidos pelos alunos”. (Falaenopse)

“Na avaliação escrita eu procuro acompanhar o aluno em vários momentos, possibilitando para que faça sua própria avaliação, e aí faço também avaliação do meu próprio processo de trabalho. Então me pergunto, quando o aluno não está alcançando a média, será que está acontecendo algo de errado com a minha forma de ensinar? Isso possibilita avaliar o meu processo de trabalho”. (Maxilária)

A preocupação por ensinar e “ensinar bem” é expressa por uma angústia nas falas acima. Identificar se o aluno aprendeu é parte do processo de aprendizagem, e as mudanças necessárias devem ser trabalhadas em tempo do acontecimento.

Nesse particular, também deve ser considerado o que os alunos apontam quando o professor estabelece vínculo, pois o relacionamento se torna mais confiável ao perceber e valorizar o que eles sentem⁵¹.

Luckesi (2005 p. 82) menciona que o professor deve também [...] “ser amoroso, em primeiro lugar consigo mesmo, o que significa reconhecer-se, acolher-se, nutrir-se, sustentar-se e confrontar-se a si mesmo e a seguir com os alunos”.

O professor deve preparar-se para prover essa realidade, aprender com ela e ter disciplina para poder acolher o aluno, de modo a cuidar de seu processo de crescimento.

Repensar na forma de ensinar, nas estratégias utilizadas e no sistema de avaliação é uma tarefa bastante complexa, que exige motivação, serenidade. O professor deve acolher a si mesmo no presente momento como ele é, para mudar o que precisa ser mudado no processo em processo.

*Construção do
tipo vivido*

7. TIPO VIVIDO

O ***tipo vivido*** do enfermeiro professor que vivencia em seu cotidiano escolar a avaliação do aluno no contexto da formação do técnico de Enfermagem se constitui na relação entre ensino, professor e aluno, relação teoria e prática, modos de avaliar e subjetividade no processo de avaliação, profissionalização, qualificando o olhar da avaliação e o compromisso com a autoavaliação. Ressalta a presença do sentir-se preocupado com a forma como a escola vem avaliando o aluno. Necessita socializar com os seus pares as angústias a respeito da avaliação e trocar experiências positivas, geradas por iniciativas isoladas de professores com resultados satisfatórios. Deve buscar espaços de diálogos e com liberdade de expressão e maior acolhimento em seu trabalho escolar. Avalia o próprio trabalho representado em suas vivências no mundo vivido da avaliação, com possibilidade para visualizar e modificar modos de avaliar a partir de posturas fundamentadas em valores educacionais e sociais.

Considerações
Finais

8. COMPREENSÃO E SENTIDO DA AVALIAÇÃO

Os resultados deste estudo permitiram conhecer e compreender o sentido da avaliação para os enfermeiros professores de curso técnico de nível médio em Enfermagem. Por meio da abordagem da fenomenologia social, foi possível apreender o sentido da avaliação e de como ela é utilizada no cotidiano, e sua repercussão na avaliação do processo em curso.

As inquietações que motivaram a realização deste estudo foram sendo respondidas pelos professores, inicialmente de modo tímido e fechado e, gradualmente, abrindo-se para o repensar da concretude do processo de avaliação em seu mundo vivido.

O saber que emergiu do vivido dos enfermeiros professores mostrou que há uma fragilidade para processar com liberdade o ato da avaliação, pois há restrições factuais encontradas face à observância da prática pedagógica associada ao plano de ensino.

Os professores demonstraram ter consciência da importância de uma avaliação formativa, e que esta deve estar integrada aos pressupostos metodológicos do plano de ensino da escola. Para isto, faz-se necessário criar espaços de mudanças no ensino vigente.

Apesar desta necessidade de mudança posta pelos professores estar presente em suas falas, não ficou claro como os alunos vão em busca de suporte pedagógico para construir e alicerçar novos conhecimentos, tanto na teoria quanto na prática, pois existe a condição do “poder fazer”, mas não refletido nas falas dos professores.

Neste sentido, parece necessária a abertura de diálogo na Escola (tríade escola, professor e aluno) e para transformar esta realidade espera-se que o professor tenha uma postura interna trabalhada em relação à prática avaliativa do curso com seus pares, participativa e reflexiva no contexto do processo ensino-aprendizagem.

Para esta postura coletiva acontecer, os trabalhos individuais e as vivências de cada professor com avaliação devem ser socializados, independente do resultado, mas passíveis de aprimoramento e novas tentativas para se chegar ao processo de avaliação desejado, com motivação, interesse e comprometidos com a temática em questão.

Percebe-se ainda que há necessidade de um trabalho conjunto entre professor e aluno; quando isso não acontece, é gerada insatisfação por parte do professor que deseja ensinar. Desse modo, ele vai agregando novos valores no ensino, a fim de formar um profissional apto para o mercado de trabalho e que respeite os princípios éticos e políticos inseridos na prática profissional.

Esta situação favorece o estabelecimento de um pacto entre professor e aluno, em que, para atingir os objetivos propostos, o professor utiliza métodos avaliativos diferenciados e acordados com estes, podendo dirimir dificuldades decorrentes da avaliação subjetiva e objetiva.

Os professores apontaram lacunas ao questionar alguns componentes da avaliação, como plano de ensino com foco nos instrumentos de avaliação, posicionando que nem sempre o aluno consegue expressar nas avaliações aquilo que aprendeu no processo de aprendizagem.

Nota-se que a subjetividade nas avaliações está presente nos métodos avaliativos dos professores, e estes têm consciência da necessidade em trabalhar avaliação atitudinal dos alunos com maior propriedade, objetivando também a realização de uma autoavaliação por parte dos mesmos em prol à melhoria do processo.

Há um reconhecimento, por parte dos professores, da existência de uma precariedade de conhecimento do aluno em relação ao ensino anterior (fundamental e médio); isso dificulta o raciocínio crítico e lógico na aprendizagem do ensino técnico de nível médio em Enfermagem. Essas premissas os instiga a quererem discutir acerca da autonomia do professor e do aluno no contexto da avaliação dentro da escola. Pois em geral, toda esta condição no ensino gera desgastes que culmina na qualidade da aprendizagem do aluno.

Existem dificuldades para enfrentar e transpor os desafios inerentes às mudanças, para atender as necessidades de aprendizagem formativa que dialogue com avaliação. A expressão de desconforto dos professores, em não ter espaço para trabalhar com metodologias inovadoras, confronta com a realidade de se trabalhar com metodologia tradicional. Isto sinaliza reflexões advindas do mundo concreto, fortalecidas pela necessidade de mudanças no processo educacional.

O tipo vivido do professor foi caracterizado como aquele que se percebe preocupado com a forma de como a escola vem avaliando o aluno, visualizando uma necessidade de socializar suas angústias acerca da avaliação, buscar experiências positivas e criar espaços de diálogos com liberdade de expressão e maior acolhimento em seu trabalho escolar. Toda essa conjectura leva o professor avaliar o próprio trabalho, representado por suas vivências no mundo vivido da avaliação.

Neste estudo ficou evidenciado que há um forte chamado, para que a avaliação seja positiva para o professor e alunos. Ao professor compete refletir sobre como ele vem realizando sua avaliação, como processo e não apenas como resultado. Ao aluno cabe buscar espaços de construção conjunta, abrindo possibilidade para fazer uso da autonomia em prol da formação.

Os professores enfocaram que ter consciência da importância de uma avaliação formativa, integrada com base nos pressupostos metodológicos dialéticos, dá sentido ao desenvolvimento de suas práticas educativas e à aprendizagem dos alunos.

Desse modo, este estudo tem condições de contribuir não somente para os professores do ensino técnico de nível médio em Enfermagem, não apenas para refletir acerca das questões levantadas neste estudo, mas para mudar posturas no processo de ensinar e avaliar. Avaliando não por avaliar, mas sim, para que diante de avaliações processuais possam construir outra forma de avaliar, considerando todos os aspectos inerentes a esse processo como um modo de cuidar do processo ensino-aprendizagem.

Referências

REFERÊNCIAS

1. Kikuchi EM. A prática de avaliação no curso de graduação em enfermagem da UEL – um enfoque fenomenológico [tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem; 2007.
2. Vasconcellos CS. Construção do conhecimento em sala de aula. 12a ed. São Paulo: Libertad; 2002. 355p.
3. Ministério da Educação. Programa de Formação de Professores Alfabetizadores. Brasília; 2001 [citado 09 set. 2009]. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Profa/guia_for_2.pdf
4. Haydt RCC. Curso de didática geral. 8a ed. São Paulo: Ática; 2006. 327p.
5. Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer. Entrevista com Jussara Hoffmann. Salvador; 2008 [citado 09 set. 2009]. Disponível em: <http://www.educacao.salvador.ba.gov.br>
6. Perrenoud P. Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul; 1999. 183p
7. Severino AJ. Metodologia do trabalho científico. 22a ed. São Paulo: Cortez; 2002. 335p.
8. Luckesi CC. Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e recriando a prática. 2a ed. Salvador: Malabares; 2005. 115p.
9. Tosi MR. Didática geral: um olhar para o futuro. 3a ed. Campinas (SP): Alínea; 2003. 232p.
10. Frias MAE. Avaliação do processo ensino aprendizagem: seu significado para o aluno de ensino médio em enfermagem [dissertação]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem; 2001.
11. Perrenoud P. 10 novas competências para ensinar: convite à viagem. Porto Alegre: Artmed; 2000. 192p.

12. Morin E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 8. São Paulo: Cortez, 2003. 118p.
13. Zabala VA. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: ArtMed, 1998. 224p.
14. Matuí J. Cidadão e professor em Florestan Fernandes. São Paulo: Cortez, 2001. 120p.
15. Luckesi CC. Avaliação da aprendizagem escolar. 17a ed. São Paulo: Cortez; 2005. 180 p.
16. Capalbo C. Fenomenologia e ciências humanas. 3a ed. Londrina: Ed. UEL; 1996.
17. Freitas GF. Ocorrências éticas de enfermagem: uma abordagem compreensiva da ação social [tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem; 2009.
18. Popim RC, Boemer MR. Cuidar em oncologia na perspectiva de Alfred Schütz. Revista Latino-Americana de Enfermagem. 2005 setembro-outubro; 13 (5): 677-85.
19. Paiva FGJ, Mello SCB. Pesquisa qualitativa nos estudos organizacionais: contribuições fenomenológicas de Alfred Schütz. Revisa Organizações em contexto. 2008; 4(8): 24-48.
20. Pinto FS. Atitude fenomenológica: forma e conteúdo. J. bras. psiquiatr. 1996, dez; 45 (12): 689-94.
21. Schütz. A. Fenomenologia del mundo social. Buenos Aires: Paidos; 1972.
22. Schütz. A. El problema de la realidade social. Buenos Aires: Arromourt; 1974a.
23. Schütz. A. Estudios sobre teoria social. Buenos Aires: Arromourt; 1974b.
24. Schütz A. El problema de la realidade social. Escritos I. 2nd. Ed. Buenos Aires: Amorrortu; 2003.

25. Carvalho GM; Merighi MAB; Jesus MCP. The experience of repeated fatherhood during adolescence. *Midwifery* 2010, 26: 469-474.

26. Merighi MAB et al. Being a nursing teacher, woman and mother: showing the experience in the light of social phenomenology. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*. 2011, 19(1): 164-170.

27. Martins J; Bicudo MAV. *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: EDUC, 1989. 110p.

28. Merighi MAB. Fenomenologia. In: Merighi MAB; Praça NS. *Abordagens teórico-metodológicas qualitativas: a vivência da mulher no período reprodutivo*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2003. p. 31-8.

29. Josgrilberg RS. O método fenomenológico e as ciências humanas. In: Castro DSP, organizador. *Fenomenologia e análise do existir*. São Paulo: Sobraphe; 2000. p. 75-93.

30. Vieira LB. *A denúncia da violência pela mulher que a vivencia: perspectivas para o cuidado de enfermagem a partir da Fenomenologia Social de "Alfred Schütz" [dissertação]*. Rio Grande do Sul: Universidade Federal de Santa Maria; 2011.

31. Kortchmar E. *A vivência da mulher com um filho com síndrome de down em idade escolar: uma abordagem da fenomenologia social [dissertação]*. São Paulo. Universidade de São Paulo: Escola de Enfermagem. 2011.

32. Merighi MAB, Jesus MCP, Santin KR, Oliveira DM. Cuidar do recém-nascido na presença de seus pais: vivência de enfermeiras em unidade de cuidado intensivo neonatal. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*. 2011, 19(6): 1398-1404.

33. Merighi MAB; Jesus MCP; Domingos SRF; Oliveira DM; Baptista PCP. Being a nursing teacher, woman and mother: showing the experience in the light of social phenomenology. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*. 2011, 19: 164-170.

34. Campoy MA, Merighi MAB, Stefanelli MC. O ensino de enfermagem em saúde mental e psiquiátrica: visão do professor e do aluno na perspectiva da fenomenologia social. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*. 2005, 13(2): 165-72

35. Braccialli LAD; Raphael HS; Chirelli MQ; Oliveira MAC. Avaliação do estudante: no exercício de avaliação da prática profissional. *Avaliação (Campinas)*. 2008, 13(1): 101-118.
36. Godoy CB, Souza NA. Construindo uma nova proposta pedagógica no curso de enfermagem da Universidade Estadual de Londrina. *Semina: Ciências Biológicas da Saúde, Londrina*. 2011, 22: p. 25-31.
37. Schütz, A, organizador. Wagner, H. R. Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos de Alfred Schütz. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
38. Saviani D. Interlocuções pedagógicas: conversa com Paulo Freire e Adriano Nogueira e 30 entrevistas sobre educação. São Paulo: Autores Associados; 2010.
39. Albertino MF, Souza NA. Avaliação da aprendizagem: o portfolio como auxiliar na construção de um profissional reflexivo. *Estudos em avaliação educacional*. 2004, n. 29.
40. Luckesi CC. Planejamento e Avaliação. [citado 05 dez. 2011]. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/planejamento-e-avaliacao/avaliacao/cipriano-carlos-luckesi-424733>.
41. Perrenoud P. A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2002. 232p.
42. Macedo L. Competências e habilidades: elementos para uma reflexão pedagógica. [citado 11 dez. 2011]. Disponível em: <http://www.cefetsp.br/edu/eso/competenciashabilidades.html/17>
43. Capalbo C. Metodologia das ciências sociais: a fenomenologia de Alfred Schütz. Londrina: UEL, 1998.
44. Madeira MZA, Lima MGSB. O significado da prática docente na constituição do saber ensinar das professoras do curso de enfermagem da Universidade Federal do Piauí. *Texto Contexto Enfermagem, Florianópolis*, 2010; 19(1): 70-7.
45. Backes DDB. Avaliação do processo ensino aprendizagem: conceitos e Concepções. [citado 10 dez. 2011]. Disponível em: <http://www.nre.seed.pr.gov.br/cascavel/arquivos.pdf>

46. Betancourt L, Muñoz LA, Merighi MAB, Santos MF. O docente de enfermagem nos campos de prática clínica: um enfoque fenomenológico. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*. 2011, 19(5): 1197-1204.
47. Almeida AH. Educação em saúde: análise do ensino na graduação em enfermagem no estado de São Paulo [tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem; 2009 [citado 17 abr. 2012]. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/7/7141/tde-11012010-121841/>.
48. Medeiros RM. As interações em sala de aula e a construção das competências em Enfermagem: um debate para além do tecnicismo. In: Medeiros RM; Stédile NLR; Claus SM (org.). *Construção de competências em enfermagem*. Caxias do Sul: UDUCS, 2001. p.11-91.
49. Barguil PM. Avaliação: momento de angústia ou oportunidade de crescimento pessoal? [citado 11 dez. 2011]. Disponível em: http://www.paulobarguil.pro.br/producao_bibliografica/artigos/arquivo/artigo_04.pdf
50. Andrade PF. Avaliação da aprendizagem. [citado 11 dez. 2011]. Disponível em: <http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/ea000200.pdf>
51. Semim GM; Souza MCBM; Corrêa AK. Professor como facilitador do processo ensino-aprendizagem: visão do estudante de enfermagem. *Revista Gaúcha de Enfermagem*. 2009; 30(3): 484-491.

Anexos

ANEXO A – Autorização do Comitê de Ética em Pesquisa

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM

Av. Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, 419 - CEP 05403-000
Tel.: (011) 3061-7548/8858 - Fax: (011) 3061-7548 -
São Paulo - SP - Brasil
e-mail: edipesq@usp.br

São Paulo, 18 de abril de 2011.

Ilm.^a Sr.^a
Elaine Cristina Mendes Marques

Ref.: Processo nº 1014/2011/CEP-EEUSP

Prezada Senhora,

Em atenção à solicitação referente à análise do projeto “O sentido da avaliação para o enfermeiro professor: análise compreensiva da ação social”, informamos que o mesmo foi considerado aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (CEP/EEUSP).

Analizado sob o aspecto ético-legal, atende às exigências da Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Esclarecemos que após o término da pesquisa, os resultados obtidos deverão ser encaminhados ao CEP/EEUSP, para serem anexados ao processo.

Atenciosamente,

Prof.ª Dr.ª Célia Maria Sivalli Campos
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa da
Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

ANEXO B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu Elaine Cristina Mendes Marques, mestranda do Programa de Pós Graduação em Gerenciamento em Enfermagem da USP, sob orientação da Profa Dra Maria de Fátima Prado Fernandes, estou convidando alguns professores que atuam na formação de profissionais técnicos de enfermagem para participar desse estudo. O título do trabalho é “O sentido da avaliação para o enfermeiro professor: uma análise compreensiva da ação social”. O objetivo é: *Conhecer e compreender o sentido da avaliação para o enfermeiro professor de curso técnico de nível médio em Enfermagem.*

Nossos encontros serão realizados no local a sua escolha, em lugar privativo, respeitando a sua disponibilidade para participação do estudo. Poderá fazer qualquer pergunta e se tiver alguma dúvida procurarei esclarecê-la. Sua participação neste estudo é voluntária, e a/o Sra/Sr tem o direito de sair da pesquisa, se desejar, em qualquer fase que ela se encontre, sem nenhum prejuízo. Não será necessário que se identifique, e sua participação não afetará seu trabalho, esta pesquisa não trará nenhum risco ou despesa. Caso concorde, as informações concedidas serão mantidas em absoluto sigilo, sem identificação de seu nome como participante ou tampouco da Instituição em que trabalha.

A entrevista terá duas questões norteadoras, gostaria que nossa conversa fosse gravada, para isso solicito a sua permissão. Os resultados somente serão divulgados para essa pesquisa. Esse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido consta de duas vias, sendo que uma via será entregue a/o Sra/Sr.

Caso necessite esclarecimentos, poderá entrar em contato comigo em qualquer momento que desejar e ter acesso aos resultados obtidos neste estudo.

Sua participação será muito importante a fim de ampliar as reflexões sobre as questões concernentes a avaliação no que se refere a essa temática.

Agradeço sua participação.

Atenciosamente

Elaine Cristina Mendes Marques

Eu, _____ declaro que, após convenientemente esclarecido (a) pela pesquisadora e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar da presente pesquisa.

Anexo C - Instrumento de identificação

INSTRUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO

Número do formulário: _____

Data do preenchimento: _____ / _____ / _____

1.Caracterização do Professor:

Sexo: Feminino () Masculino ()

Idade: _____

2.Tempo de formação universitária/ graduação: _____

3. Formação universitária:

Licenciatura em Enfermagem ()

Especialização () Qual: _____

Mestrado ()

Doutorado ()

Outros (): _____

4.Tempo de experiência assistencial e setor: _____

5.Tempo que atua como professor de ensino técnico em enfermagem:

6.Tempo que trabalha como professor nesta escola: _____

7.Disciplina(s) que ministra atualmente na escola:

Teoria e Prática ()

Prática ()

Teoria ()